

Boletim Juventude Informa

Uma Publicação do Participatório-Observatório
Participativo da Juventude da Secretaria
Nacional de Juventude/SNJ e do Instituto de
Pesquisa Econômica e Aplicada /IPEA

nº 1 | ano 1 | agosto de 2014

A preparação do primeiro número do nosso boletim se deu entre os meses de agosto e setembro. Nessa ocasião a última PNAD anual disponível era referente ao ano de 2012, que foi portanto o último ano considerado na análise do tema de educação. O Boletim Educação está sendo lançado no mês de dezembro em atenção às restrições do período eleitoral.



EDUCAÇÃO

➔ O Boletim Juventude Informa

O Boletim *Juventude Informa* realizado pelo Participatório – Observatório Participativo da Juventude/SNJ/SG/PR em cooperação com o Ipea – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada objetiva ser um novo e acessível instrumento para subsidiar o debate sobre as políticas públicas de juventude. Evidenciando as transformações sociais, políticas e culturais das últimas décadas, o perfil dos jovens brasileiros, suas práticas e tendências de comportamento frente aos novos contextos, pretende contribuir para a elaboração e implementação de políticas públicas adequadas às necessidades e demandas da juventude brasileira contemporânea. O Boletim, que terá periodicidade bimensal, almeja auxiliar a ampliar a informação sobre a juventude brasileira.

➔ Educação da Juventude Brasileira

Este primeiro número do Boletim oferece um conjunto de elementos para as reflexões sobre o atual cenário brasileiro no campo da educação visando iluminar e problematizar as discussões em curso no âmbito das políticas públicas para a juventude no Brasil.

Para a análise, foram privilegiados os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), bem como do INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, de modo a elaborar um quadro de evolução histórica nos últimos anos vinte anos. Como estratégia argumentativa e também de delimitação sobre este vasto campo que é a educação, este número foi organizado a partir de quatro questões: o acesso à escola, o abandono, o perfil dos jovens e os desafios para as políticas públicas.



Como evoluiu o acesso à educação?

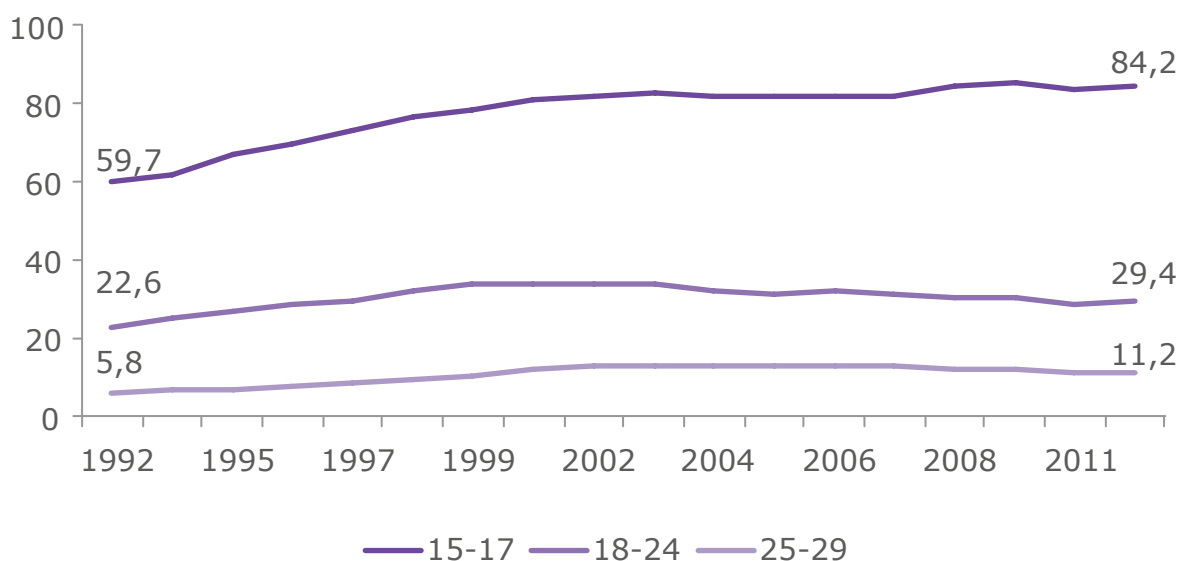
A educação é comumente vista como a dimensão da vida do jovem fundamental à garantia de oportunidades, seja de acesso ao trabalho, seja de obtenção de maiores rendimentos, e também corresponsável pela constituição de sujeitos sociais e suas visões de mundo (HADDAD, DI PIERRO, 2000). A educação é um direito garantido aos jovens pela Constituição de 1988 e reiterada pelo Estatuto da Juventude de 2013. Para a população de 4 a 17 anos a educação básica é obrigatória e gratuita. Por esta razão e também pelas diferenças nas trajetórias escolares dos jovens segundo a faixa de idade os dados apresentados a seguir indicarão sempre que possível as faixas de 15 a 17, de 18 a 24 e de 25 a 29 anos de idade. Nesse sentido buscamos propor reflexões que contemplem os diferentes momentos da vida escolar dos jovens brasileiros.

Os últimos anos foram marcados fortemente pela melhoria do acesso à escola e pela progressiva elevação da escolaridade da população brasileira, em especial entre crianças e jovens. Pode-se dizer de uma experiência diferenciada desta geração na relação com a escola e novas formas de aprendizagem.

Entre 1992 e 2012 a porcentagem de jovens brasileiros com idade entre 15 e 17 anos de idade frequentando a escola se elevou de 59,7% para 84,2%. Esse crescimento foi acentuado nos primeiros dez anos considerados, e mais lento nos últimos dez anos, o que nos indica, por um lado, um quadro de elevado acesso à escola e, por outro, a persistência de um problema grave de abandono precoce da escola por parte de um contingente significativo de adolescentes (cerca de 15%).

No segmento de 18 a 24 anos, o crescimento percentual dos que frequentam a escola foi menor, (de 22% para 29,4%) isso não significa, porém, que não houve crescimento significativo do acesso destes jovens ao ensino básico, pois parte deles não frequenta neste momento a escola porque já concluiu o ensino médio (veremos mais adiante que a conclusão do ensino médio para este segmento etário foi bastante elevada).

Gráfico 1: Jovens de 15 a 29 anos de idade que frequentam - a escola

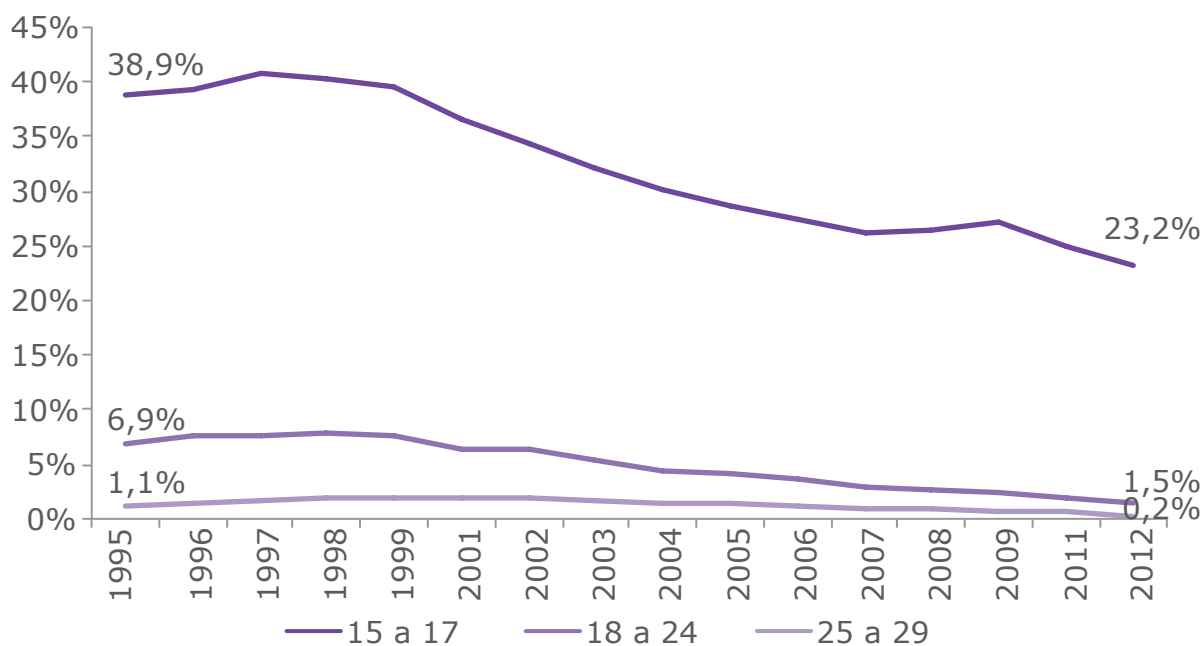


Fontes: IPEA, PNAD/IBGE.

Cumpramos ressaltar que o crescimento da proporção de jovens que estudam foi acompanhado de elevação dos entre 15 e 17 anos no ensino médio e dos entre 18 e 29 anos no ensino superior, etapas de ensino adequados para as idades consideradas. Tais dados indicam que, nos últimos 20 anos, o maior acesso dos jovens à escola ocorreu por meio da ampliação tanto do ensino médio como do ensino superior, e que tem havido uma melhoria significativa no fluxo escolar. Contudo, ainda há parcela significativa dos jovens cursando ou que interrompeu os estudos no ensino fundamental, o que demanda uma atenção especial para este grupo. Para melhor compreender tais mudanças, o quadro geral adiante mostra a evolução do ensino segundo cada um dos níveis.

No que se refere ao ensino fundamental, os últimos 17 anos foram marcados por queda de 15,75 pontos percentuais na frequência dos jovens de 15 a 17 anos e como veremos mais adiante cresceu a proporção deles frequentando o ensino médio. No gráfico a seguir vemos que este é o grupo etário com maior proporção e expressiva queda a partir de 1999, alcançando 23,1% em 2012. Para os jovens com idade superior a 18 anos, o gráfico apresenta leve aumento no fim dos anos 1990, seguido de queda sutil e gradual até 2012. Podemos inferir que houve a retomada dos estudos por esta pequena parcela de jovens e a consequente conclusão, ao menos deste nível de ensino.

Gráfico 2: Jovens que frequentam o ensino fundamental

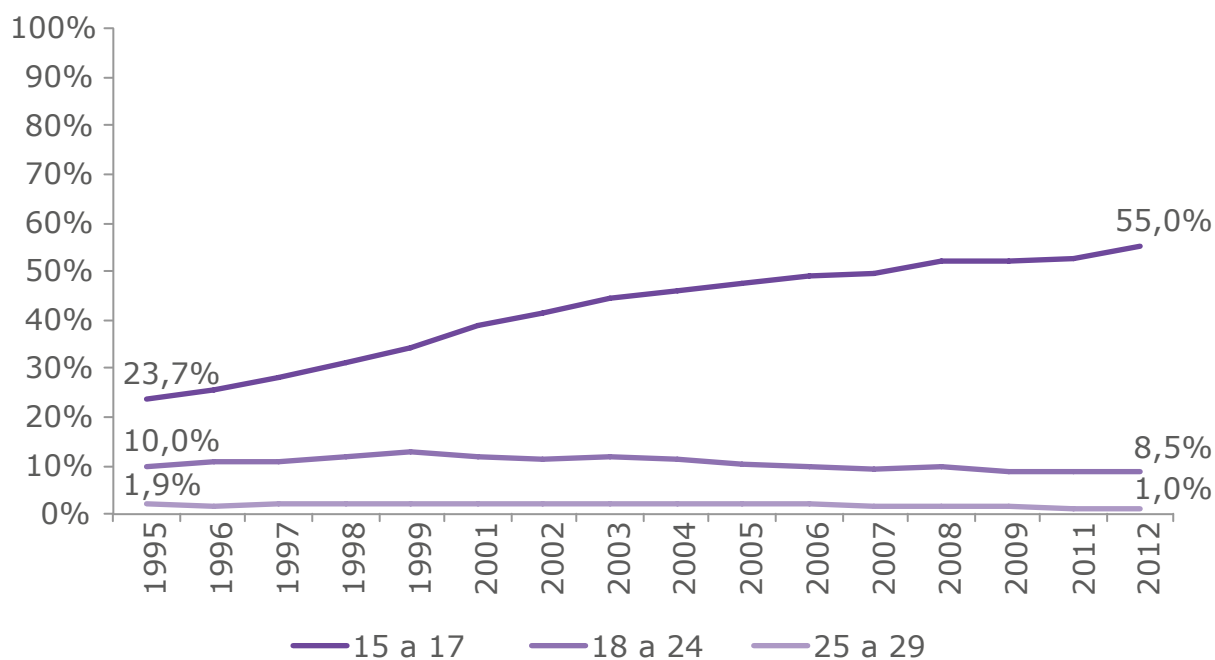


Fontes: IPEA, PNAD/IBGE.

Este é um resultado bastante interessante, pois por um lado a redução da frequência entre os jovens de 15 a 17 anos de idade sugere a conclusão deste ciclo e/ou abandono, por outro a presença de cerca de 23% deles no fundamental evidencia valorização dos estudos, mesmo estando em situação de defasagem escolar.

No próximo gráfico, podemos perceber o aumento contínuo e acelerado da frequência dos jovens no ensino médio, particularmente daqueles com idade adequada ao ciclo, correspondente aos jovens de 15 a 17 anos de idade, saindo de um patamar de 23% em 1995, chegando a mais de 55% em 2012. Já entre os jovens de 18 a 24 e 25 a 29 anos, a frequência no ensino médio não foi alterada de forma significativa ao longo dos últimos 20 anos, mantendo-se em média no mesmo patamar em torno de 8% e 1%, respectivamente.

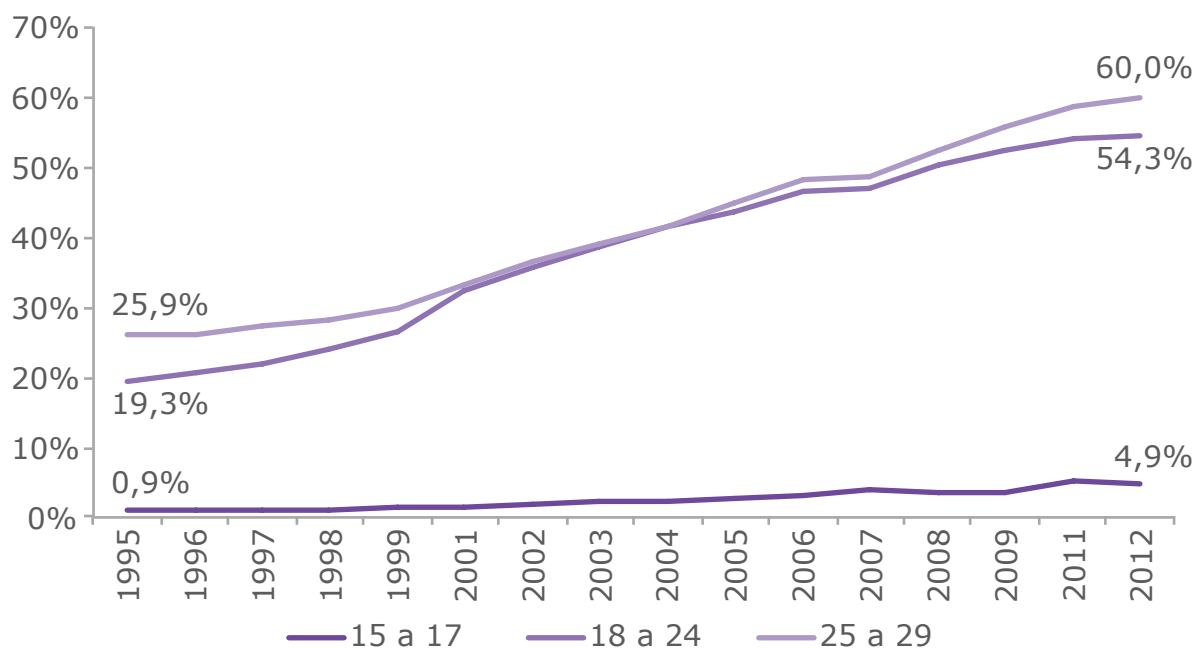
Gráfico 3: Jovens que frequentam o ensino médio



Fontes: IPEA, PNAD/IBGE.

Muito embora o aumento da frequência no ensino médio tenha sido mais expressivo entre os jovens de 15 a 17 anos, a conclusão deste ciclo teve crescimento forte e acelerado, em especial a partir de 2003, para os jovens de 18 a 24 anos e de 25 a 29 anos, de 35 p.p. e 34 p.p., respectivamente. Por outro lado, o aumento dos jovens de 15 a 17 anos de idade que concluíram o ensino médio foi tímido, chegando em 2012 à proporção de 4%. É preciso levar em conta que nesta faixa etária os jovens ainda estão cursando o ensino médio, de modo que é esperada uma proporção de conclusão bem menor em relação às outras faixas etárias.

Gráfico 4: Jovens que concluíram o ensino médio

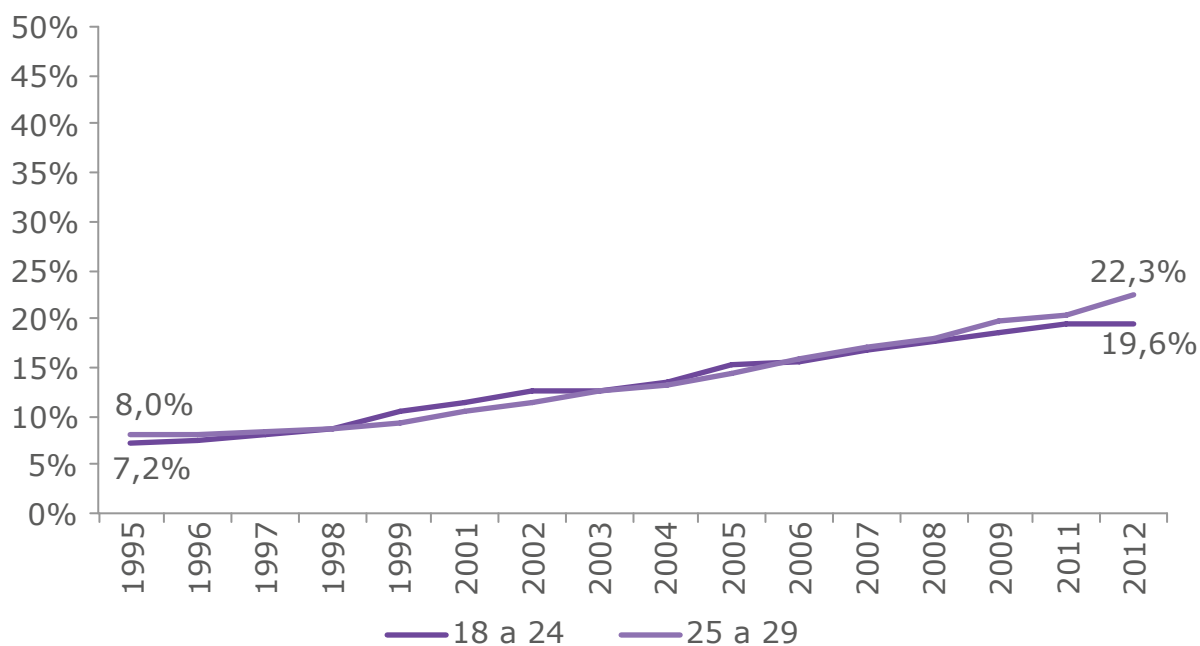


Fontes: IPEA, PNAD/IBGE.

Em relação ao ensino superior, vemos que foi expressivo o aumento no acesso, bem como na conclusão, independentemente do segmento etário¹. Em 1995, 7% dos jovens de 18 a 24 anos frequentavam ou já tinham concluído o ensino superior; em 2012, esta proporção sobe para 19,5%. Entre os jovens de 25 a 29 anos de idade, houve aumento de 8% para 22,3% dos que estavam estudando ou tinham completado o ensino superior.

¹ Nota-se que não são considerados os jovens de 15 a 17 anos no superior devida à baixíssima proporção deste segmento etário no ensino superior.

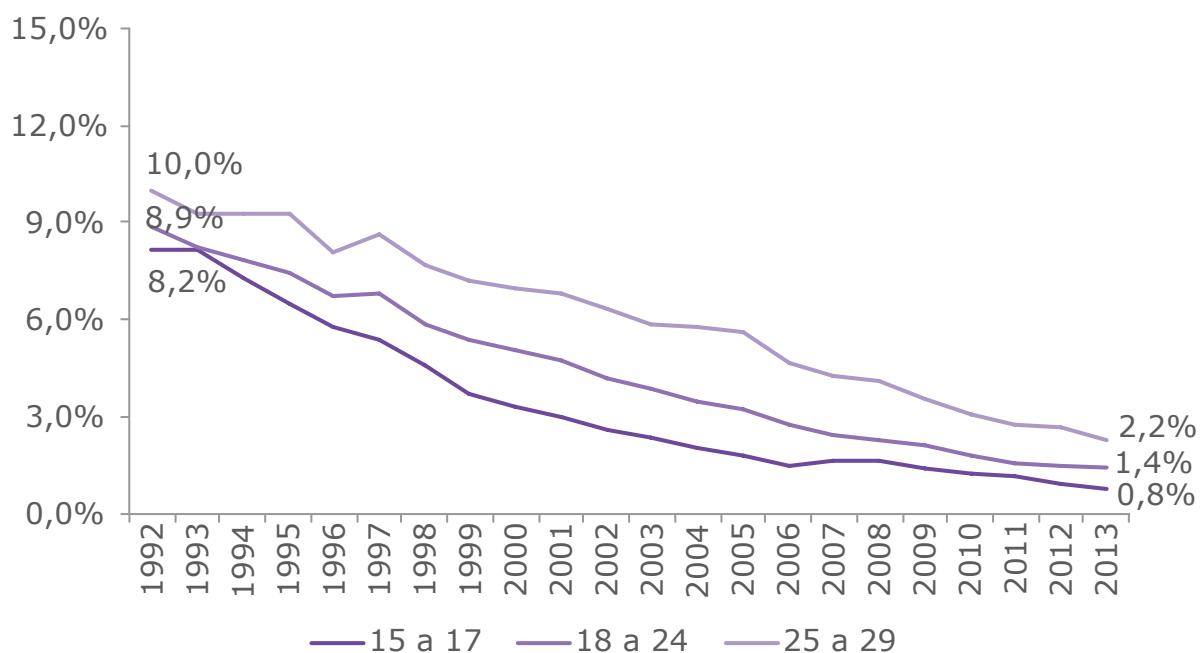
Gráfico 5: Jovens que frequentam ou já completaram o ensino superior



Fontes: IPEA, PNAD/IBGE.

Com maior acesso à escola, o resultado mais expressivo das últimas duas décadas foi a queda acelerada e efetiva do analfabetismo. Nos últimos cinco anos, houve relativo desaceleramento, mas continua a tendência de queda, chegando a uma diminuição total de oito pontos percentuais. No caso dos jovens com idade entre 15 e 17 anos, chegamos em 2012 a um patamar de 0,8%, e entre os de 18 a 24 anos e de 25 a 29 anos, proporção de 1,4% e 2,2%, respectivamente.

Gráfico 6: Taxa de analfabetismo entre a população jovem

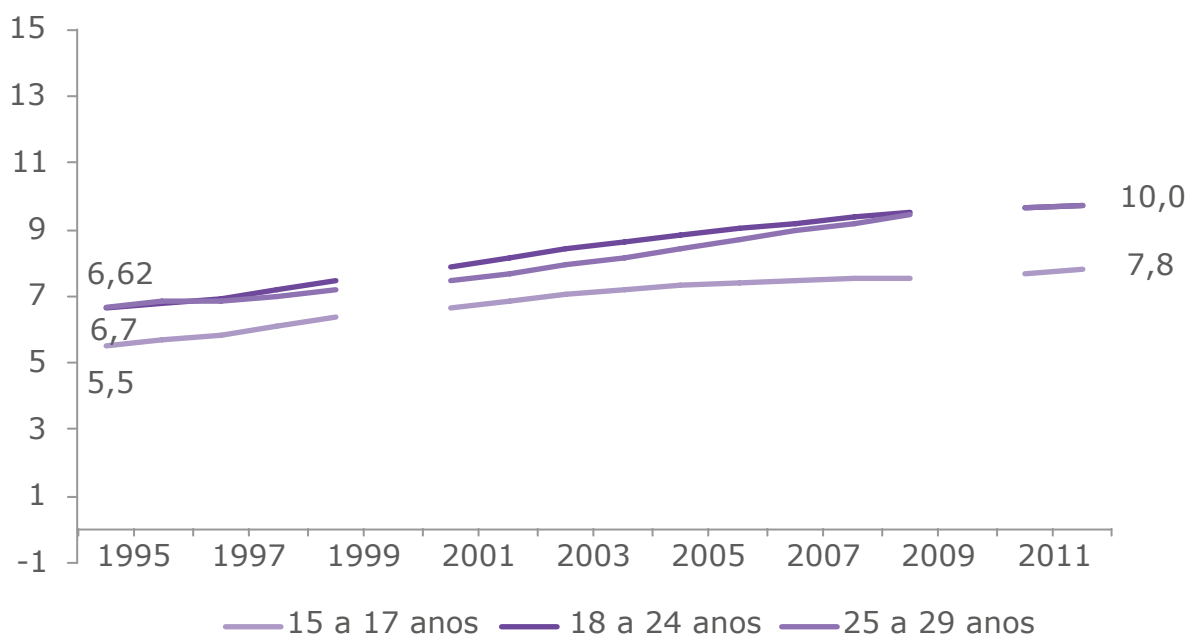


Fontes: IPEA, PNAD/IBGE.

Para além da redução substantiva do analfabetismo, o que assistimos nas últimas duas décadas foi a um aumento dos anos de estudos concluídos pelos jovens. Em 2005, a média de anos de estudos correspondia a 5,5 para a faixa etária 15 a 17, e se elevou para 7,8, em 2012. Já os jovens entre 18 e 29 anos elevaram sua média de escolaridade de 6,6 para mais de 9,5 entre 1995 e 2012.

Apesar do importante crescimento do acesso à escola e da consecutiva elevação da escolaridade dos jovens, deve-se salientar que estes indicadores refletem uma realidade ainda não satisfatória, pois um jovem com 15 anos de idade já deveria ter completado o ensino fundamental, o que significa possuir oito anos de estudo. Ou seja, um jovem com idade entre 15 e 17 anos deveria apresentar entre 8 e 11 anos de educação. Também aqueles com mais de 18 anos de idade já deveriam possuir, no mínimo, o ensino médio completo, que corresponde a 11 anos de estudos.

Gráfico 7: Anos de estudo para a população jovem



Fontes: Ipea, PNAD/IBGE.

Obs.: Excluído 2000 e 2010.

O quadro atual aponta não apenas para a ampliação do acesso, mas também da permanência nos estudos para o conjunto da população jovem brasileira. É verdade que considerando o espectro de 20 anos, saímos de um patamar bastante negativo da condição da educação dos jovens brasileiros e observamos mudanças importantíssimas nesse período, ainda que não satisfatórias.

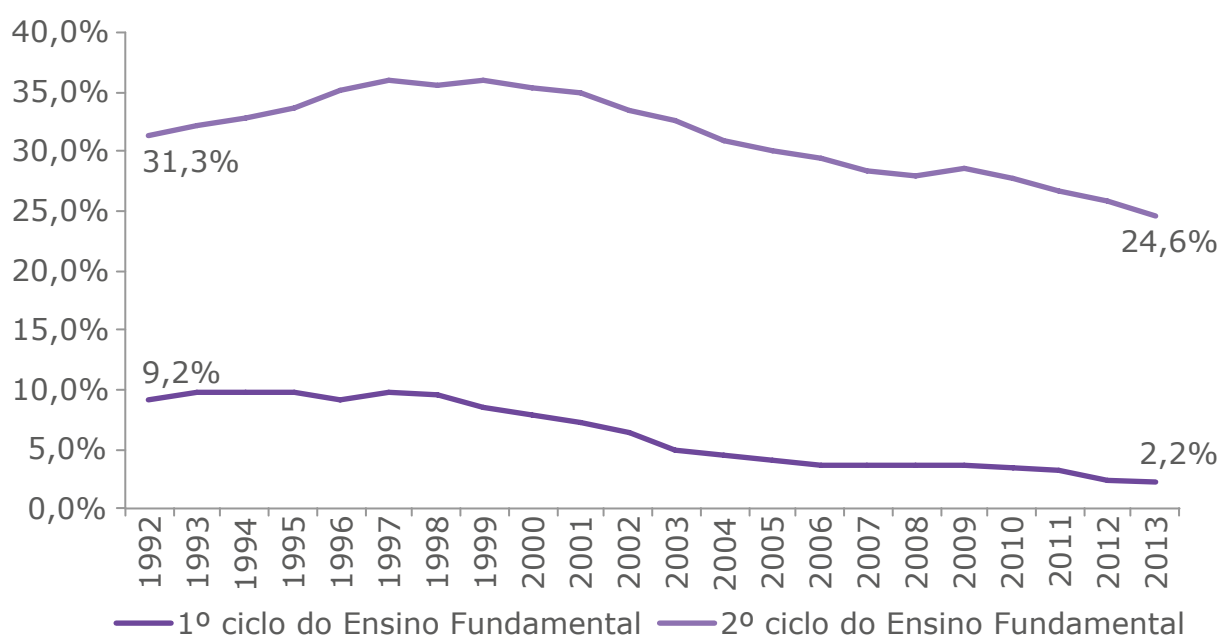
A melhoria no acesso e na permanência dos jovens na escola resultou na queda expressiva do analfabetismo e no aumento dos anos de estudos adquiridos pelos jovens. A maior presença dos jovens na escola ocorreu via expansão tanto do ensino médio como do ensino superior. Observamos o aumento da frequência e conclusão do ensino básico por todas as faixas etárias e do ensino superior pelos jovens com idade acima de 18 anos.

➔ Como diminuiu evoluiu o atraso e o abandono?

Nos últimos 20 anos, o maior acesso dos jovens à escola foi acompanhado de expressiva readequação da idade-série entre os jovens estudantes. Entre os de 15 a 17 anos de idade, por exemplo, grupo etário que corresponde à idade adequada para cursar o ensino médio, tivemos redução de 13 pontos percentuais no ensino fundamental e um crescimento imensamente expressivo de 34 pontos percentuais no ensino médio no mesmo período. Nesse sentido, a ampliação do acesso à educação foi rapidamente traduzida na elevação da escolaridade e correção da defasagem idade por série.

Entre 1992 e 2012, identificamos queda importante na proporção de jovens de 15 a 17 anos no ensino fundamental, tanto no primeiro ciclo quanto no segundo ciclo. A frequência no primeiro ciclo se reduziu de 9,2% para 2,2% e no segundo, de 31,3% para 24,6%. Vale notar que entre 1992 e 1998, o segundo ciclo apresentou aumento do número dos jovens e só depois se iniciou diminuição do percentual de jovens neste ciclo. Isso indica, portanto, a ampliação do acesso à educação que, em seguida, foi traduzida na elevação da escolaridade e correção da defasagem idade/série.

Gráfico 8: Jovens de 15 a 17 anos que frequentam o fundamental, segundo ciclo

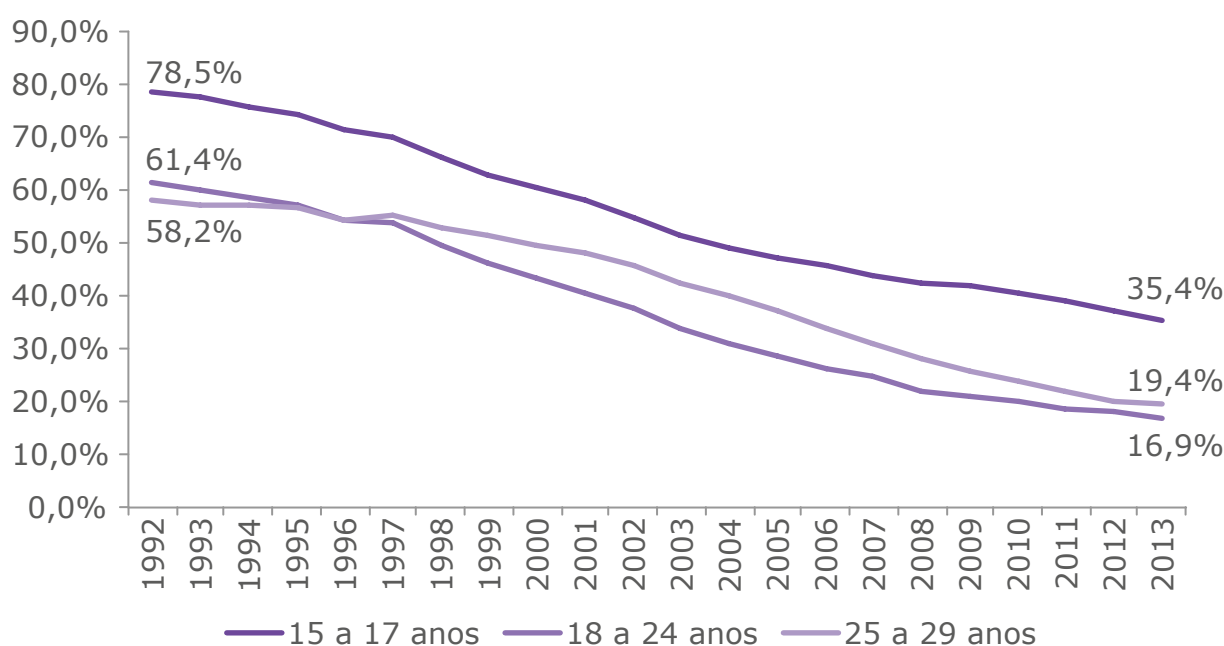


Fontes: IPEA, PNAD/IBGE.

Outra maneira de compreender a evolução do atraso escolar dos jovens entre 15 e 17 anos é verificar a proporção daqueles que completaram o ensino fundamental. O gráfico a seguir reafirma os dados anteriores, indicando queda bastante alta e acelerada na proporção de jovens que não completaram o segundo ciclo do fundamental. Entre os jovens de 15 a 17 anos, tivemos redução de 43 pontos percentuais (de 78,5% para 35,4%) entre 1992 e 2013. Contudo, continua sendo um desafio a promoção da permanência desses jovens que apresentam defasagem idade/série nos estudos até a conclusão do ensino médio.

Vale destacar que houve também reduções expressivas da proporção de jovens que não completaram ensino fundamental para os grupos etários 18 a 24 anos (44 pontos percentuais, de 61,4% para 16,9%) e 25 a 29 anos (38 p.p., de 58,2% para 19,4%), especialmente a partir de 1996. Há que se notar que, entre 1992 e 1996, a proporção de jovens de 18 a 24 anos que não completaram o ensino fundamental era maior que a proporção dos jovens de 25 a 29 anos. A partir de 1997, esta relação se inverte, chegando a uma diferença de quase 10 p.p. entre 2003 e 2005, o que pode significar a retomada dos estudos entre os jovens de 18 a 24 anos.

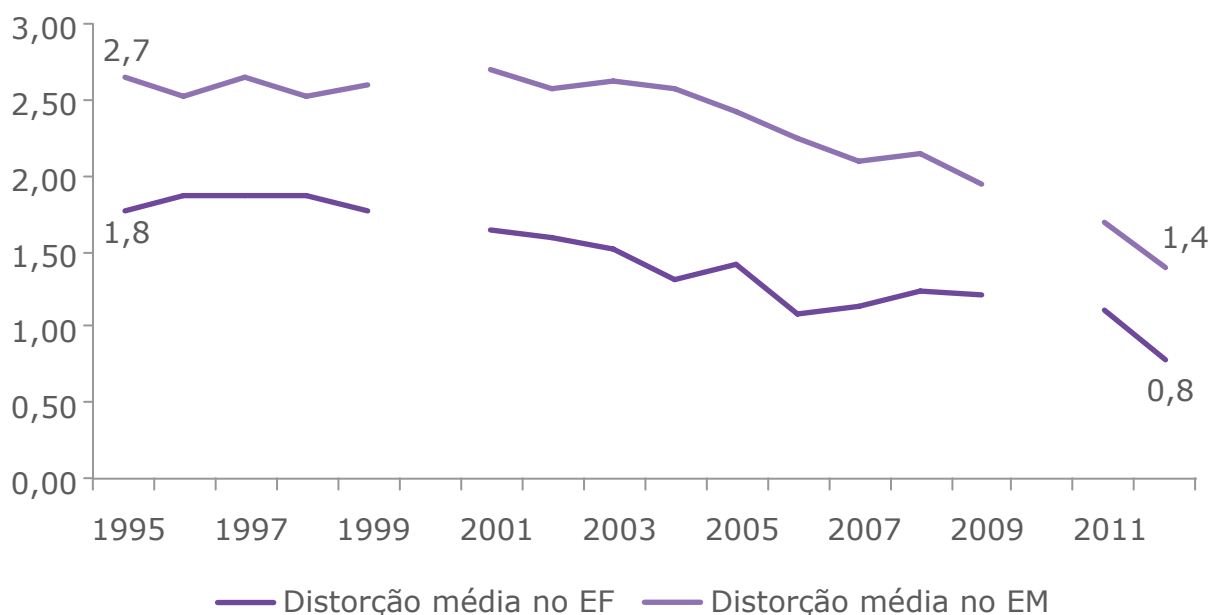
Gráfico 9: Jovens que não completaram o fundamental (0 a 7 anos de estudo)



Fontes: IPEA, PNAD/IBGE.

Outra forma de perceber a redução do atraso escolar é por meio dos indicadores de distorção idade/série. Em 1995, um jovem no ensino médio possuía, em média, 2,66 anos a mais do que a idade correta para a série cursada. Este indicador se reduziu para 1,39, em 2012. Também a distorção idade/série diminuiu no ensino fundamental neste período, variando de 1,76 para 0,78 anos.

Gráfico 10: Distorção idade/série (em anos)

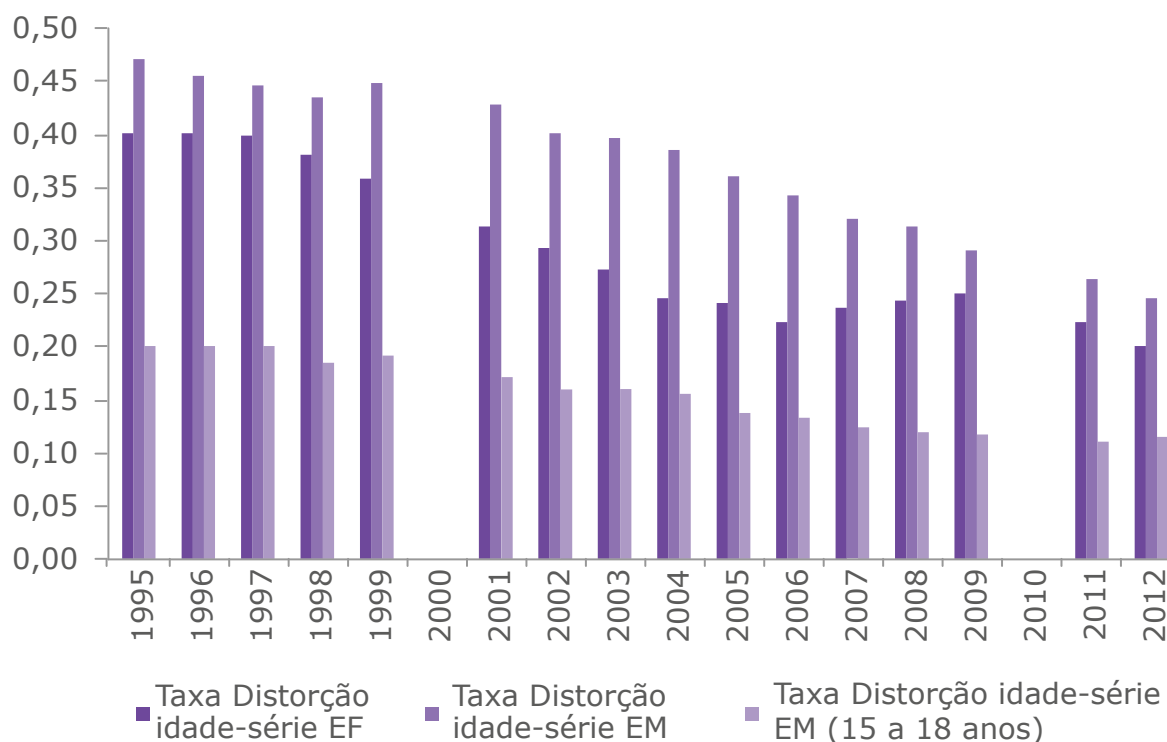


Fontes: Ipea, PNAD/IBGE.

Do mesmo modo, ocorreu uma queda na proporção de jovens com atraso escolar. Entre 1995 e 2012, a taxa de distorção idade/série retrocedeu de 47% para 24% no ensino médio e de 40% para 20% no fundamental. Mesmo ao se considerar apenas os jovens entre 15 e 18 anos, a proporção de estudantes com defasagem no ensino médio teve redução de 20% para 11%.

Apesar da melhoria significativa do fluxo escolar percebida na análise de diversos indicadores, há que se ressaltar que ainda há margem para avanço.

Gráfico 11: Taxa de distorção idade/série (em %)

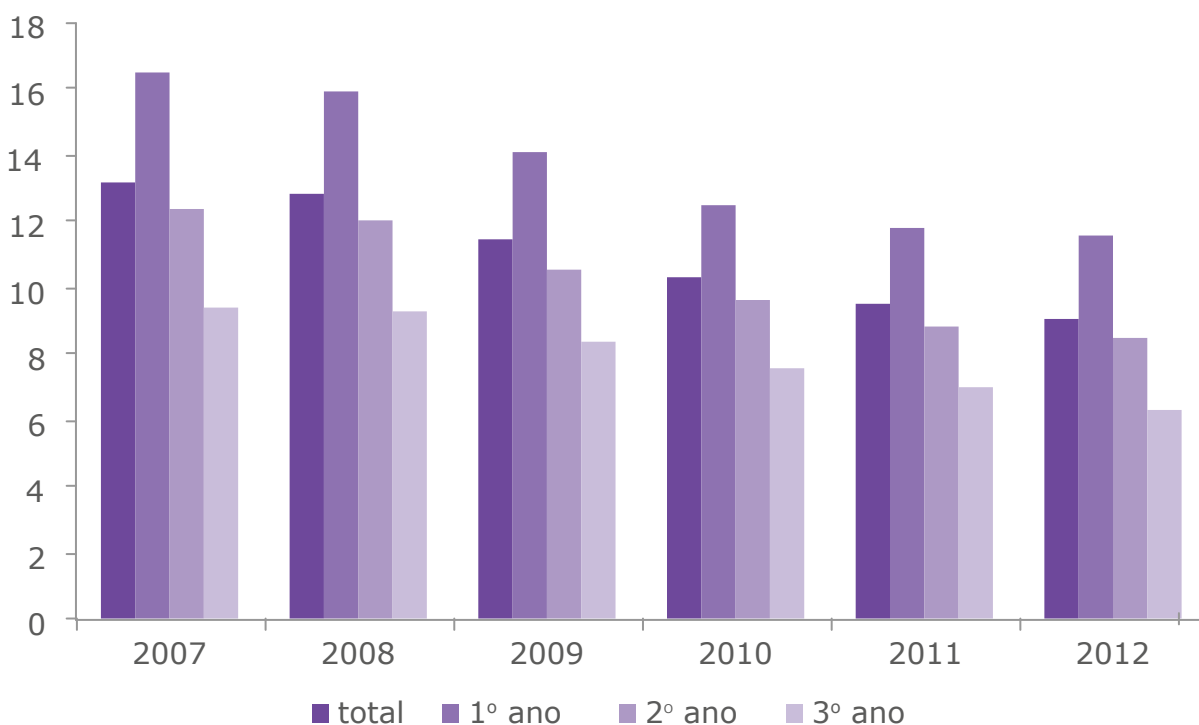


Fontes: Ipea, PNAD/IBGE.

Tendo em vista o aumento da proporção de jovens que frequentam o ensino formal indicado anteriormente, conclui-se que houve redução da permanência do jovem fora da escola ao longo dos últimos 20 anos. Os jovens podem estar não apenas abandonando menos a escola, mas também retomando os estudos. O gráfico 12 confirma a tendência de queda da evasão escolar no ensino médio para o período compreendido entre 2007 e 2012. Este indicador se reduziu de 13,2% para 9,1%.

Nota-se que o abandono é maior para as séries iniciais do ensino médio, mas também para estas a queda observada foi maior. No primeiro ano, a evasão reduziu quase cinco pontos percentuais, de 16,5% para 11,6%. No segundo e terceiro anos, houve redução de 3,9 p.p. e 3,1 p.p., respectivamente. Embora tais reduções sejam importantes, ainda é possível melhorar estes indicadores. Em 2012, enquanto a taxa de abandono no ensino médio correspondeu a 9,1%, no ensino fundamental permaneceu em 2,7%.

Gráfico 12: Taxa de abandono no ensino médio (em %)




Fonte: INEP.

➔ Onde está o gargalo?

O fato de que pouco mais de 50% dos jovens entre 15 e 17 anos frequentam o ensino médio chama a atenção para esta etapa de ensino como um gargalo no fluxo escolar. Anteriormente ainda foi observado que as estatísticas para distorção idade/série e evasão apresentam piores resultados para o ensino médio em comparação ao fundamental. Incontestavelmente, urge melhorar os indicadores para o ensino médio.

Contudo, há que se ressaltar que piores estatísticas para o ensino médio são esperadas uma vez que os estudantes com idade correspondente a esta etapa de aprendizagem já acumularam todas as mazelas das fases anteriores. Por exemplo, mais de 20% dos jovens entre 15 e 17 anos ainda frequentam o ensino fundamental. Se estes jovens não estivessem defasados, o percentual de frequência no ensino médio para a faixa etária 15 a 17 poderia chegar a



cerca de 75%. Isto significaria que quase a totalidade dos jovens entre 15 e 17 anos que frequentam a escola estariam cursando o ensino médio. Ou seja, o atraso escolar no ensino fundamental é um fator relevante para explicar a baixa presença dos jovens com idade entre 15 e 17 anos no ensino médio.

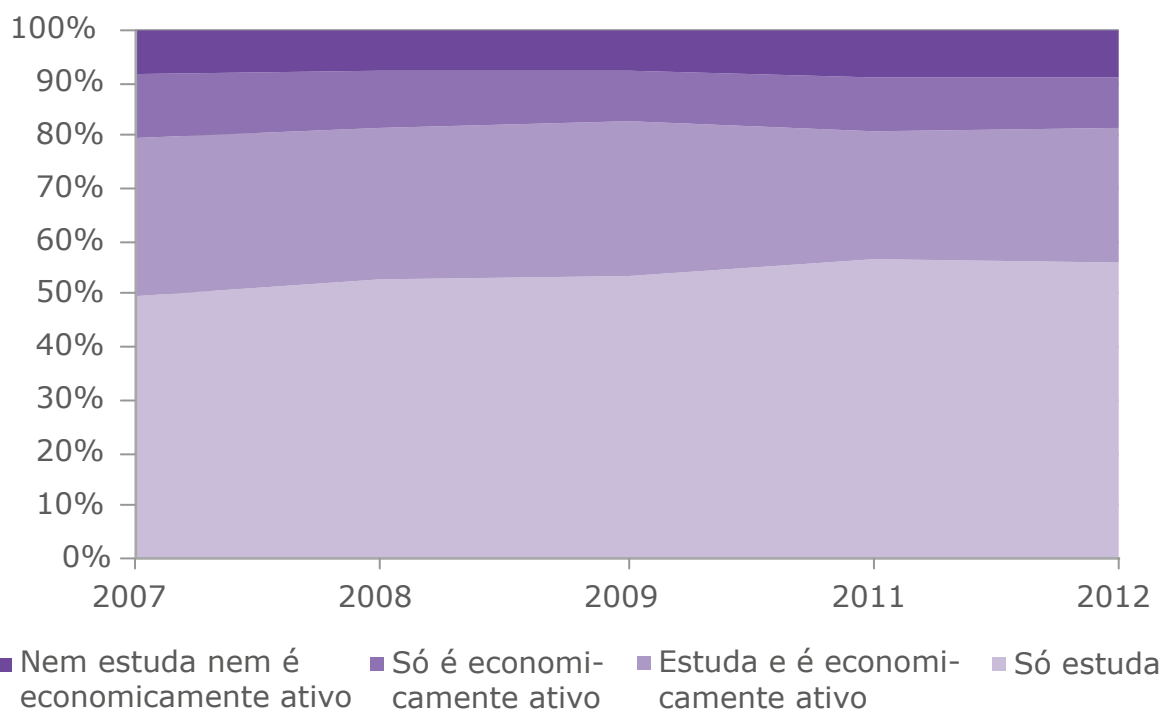
A defasagem idade/série no ensino fundamental também é relevante para explicar as altas taxas de abandono e mesmo as elevadas distorções idade/série no ensino médio. O estudante que já chega ao ensino médio com mais anos do que a idade correta para a etapa cursada poderá abandonar a escola ou mesmo ampliar sua distorção idade/série.

Ainda que todos os jovens de 15 a 17 anos que estudam estivessem cursando o ensino médio, a frequência obtida seria de aproximadamente 80%. É importante compreender a razão pela qual há tantos jovens afastados da escola. Os motivos podem ser incompatibilidade em razão de trabalho e/ou família, mas também desinteresse pela escola e pelos estudos. Mais de 10% dos jovens entre 15 e 17 anos apenas trabalham, o que significa que pouco mais da metade dos jovens fora da escola foram atraídos pelo mercado de trabalho. O restante nem trabalha nem estuda e é importante entender qual o motivo para o desinteresse destes jovens pelo estudo. Outro fator importante neste contexto é a proporção de 7% dos jovens nesta faixa de idade com filhos.

Vale mencionar também que cerca de 20% dos jovens de 15 a 17 anos trabalham e estudam, o que cria uma série de constrangimentos na conciliação dos horários e deslocamento para cada uma destas atividades.

Em suma, destaca-se que a questão da qualidade no ensino fundamental é relevante para explicar os gargalos do ensino médio. É importante pensar nas etapas de ensino de forma conjunta, e avaliar em que medida o estudante que conclui o ensino fundamental está preparado para o ensino médio.

Gráfico 13: Decisão do jovem de 15 a 17 anos de idade entre estudar e trabalhar



Fontes: Ipea, PNAD/IBGE.

➔ Qual o perfil dos jovens que não se beneficiaram desses avanços?

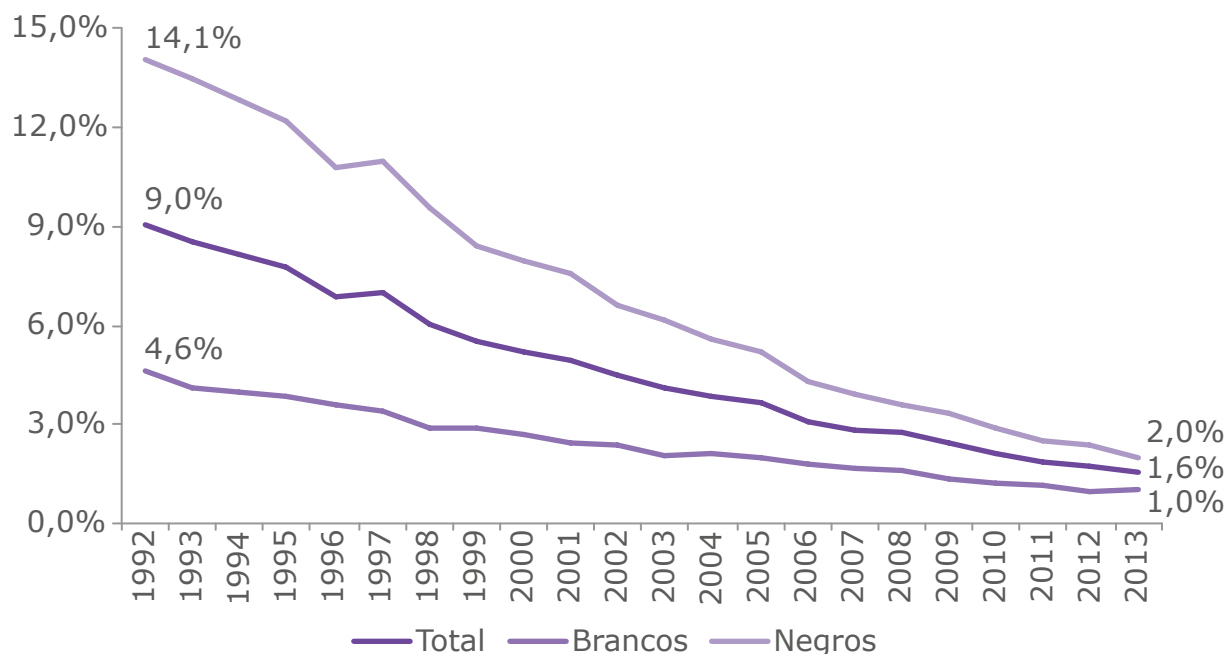
Ao separarmos a taxa de analfabetismo segundo a raça/cor² dos jovens, vemos que houve queda para os dois segmentos. Contudo, ela se deu mais fortemente entre os negros considerando que estes saíram de um patamar bastante superior aos brancos, bem como do conjunto da população jovem.

Para o total da população jovem, tivemos queda de sete pontos percentuais saindo de 9% em 1992 para 1,6% em 2013. Os jovens brancos, por sua vez, tiveram queda de 3,6 p.p., saindo de 4,6% em 1992 para 1% em 2013. Já os

² A categoria raça/cor será tratada neste documento conforme a agregação feita pela SAE, em que "brancos" são brancos e amarelos e "negros" são pretos e pardos.

jovens negros tiveram redução de 12,1 p.p. na taxa de analfabetismo, sendo 14,1% em 1992 e 2% em 2013.

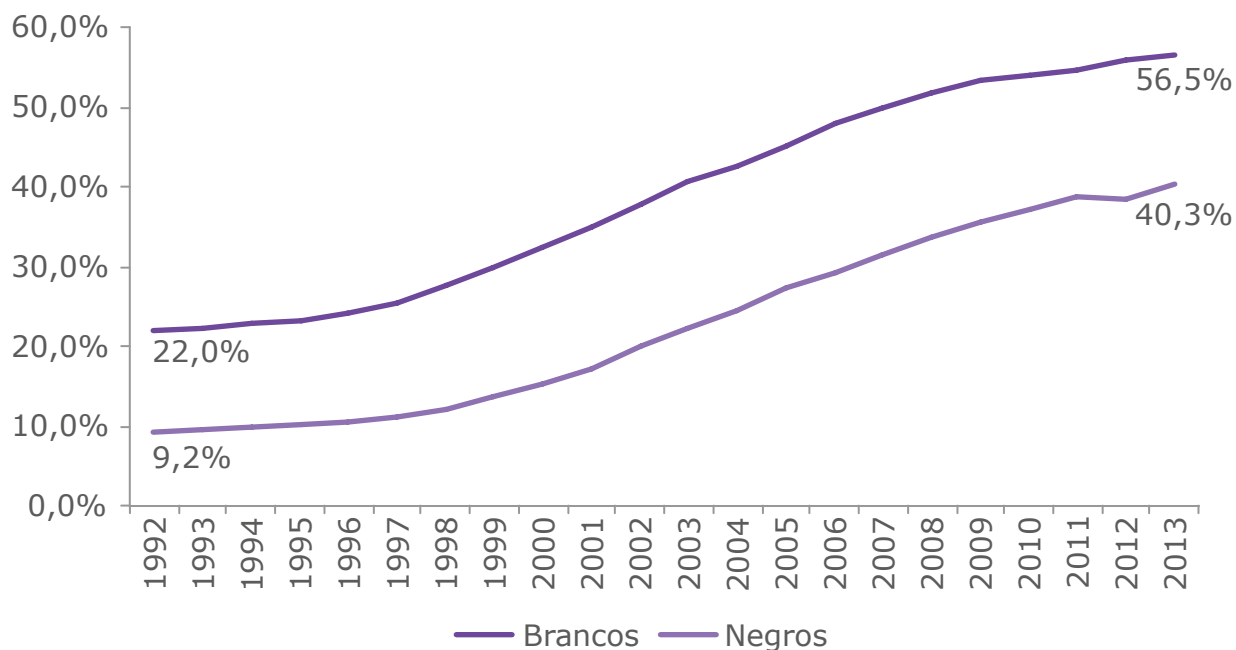
Gráfico 14: Taxa de analfabetismo na população jovem, segundo cor



Fontes: IPEA, PNAD/IBGE.

Quando observamos a conclusão do ensino médio da juventude brasileira segundo suas características de cor, vemos que o aumento para os jovens com mais de 18 anos, antes apresentado, ocorreu diferentemente entre brancos e negros. Muito embora o quadro tenha sido de aumento da conclusão do ensino médio, especialmente nos últimos dez anos, a diferença entre brancos e negros que era de 12,8 pontos percentuais em 1992 cresceu para 16,3 pontos percentuais em 2013.

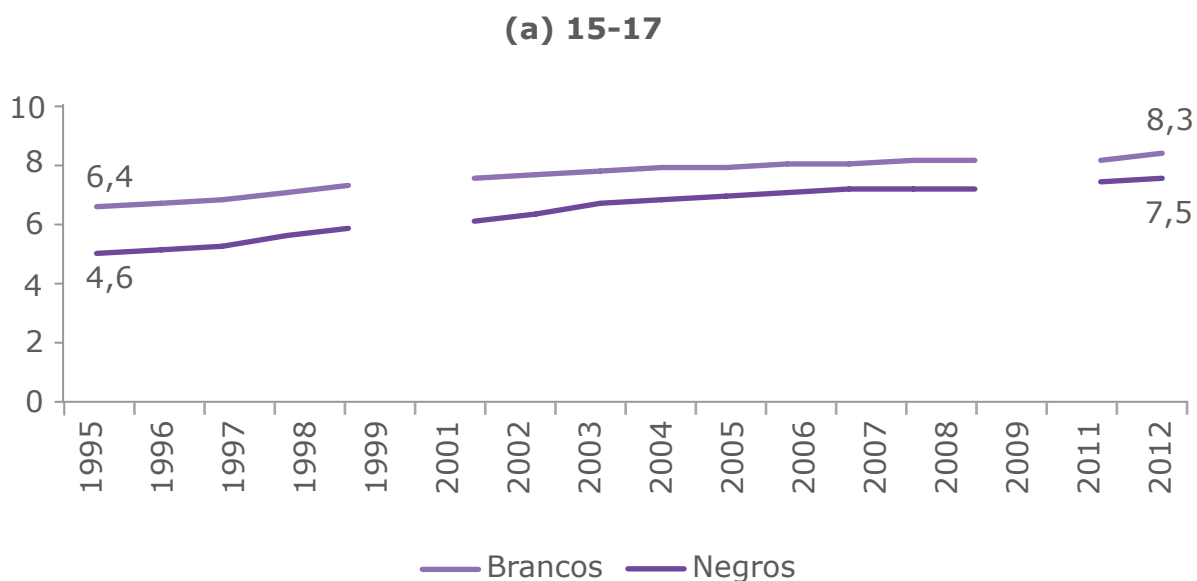
Gráfico 15: Jovens que concluíram o ensino médio, segundo cor

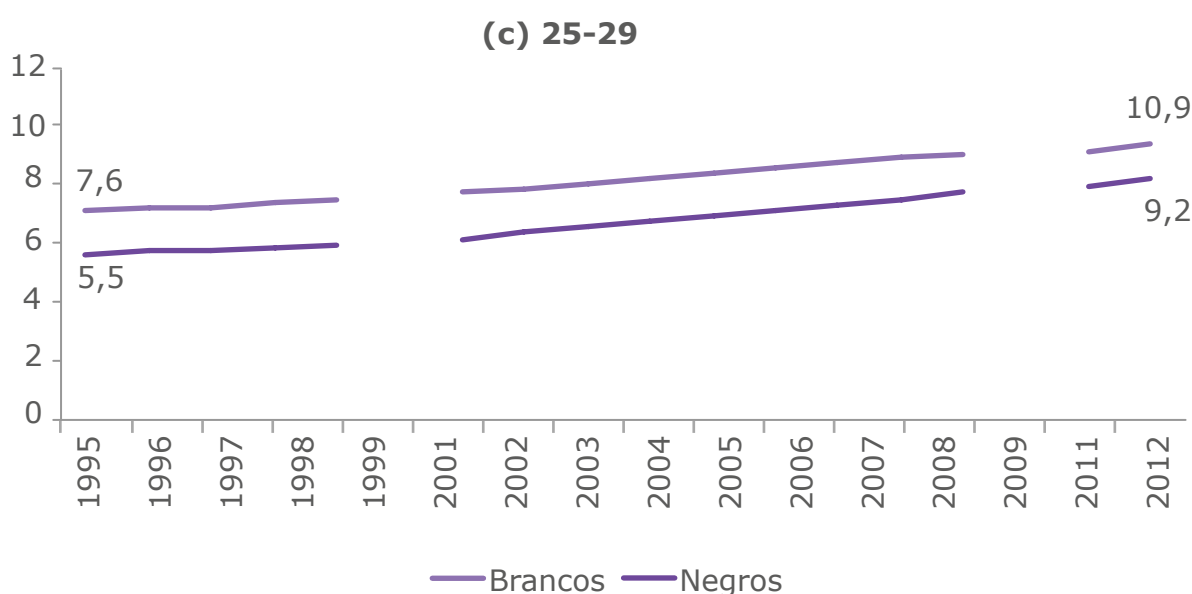
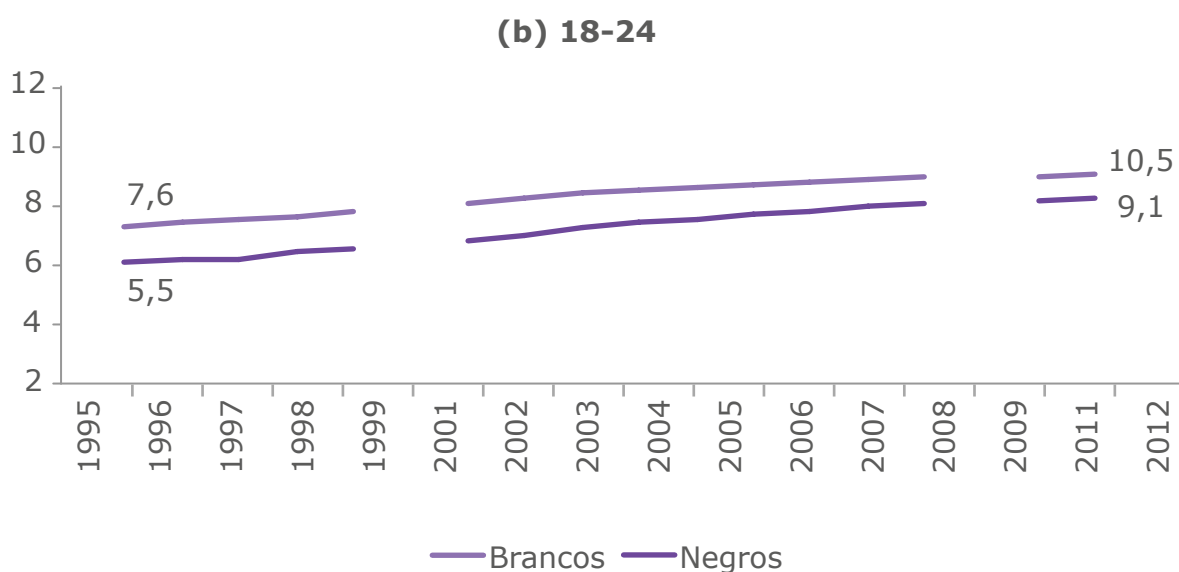


Fontes: IPEA, PNAD/IBGE.

Ao se considerar outro indicador de escolaridade, anos de estudo concluídos, nota-se a redução do hiato educacional entre negros e brancos ao longo do tempo, ainda que tenha sido inferior a um ano de estudo.

Gráfico 16: Anos de estudo dos jovens, segundo cor



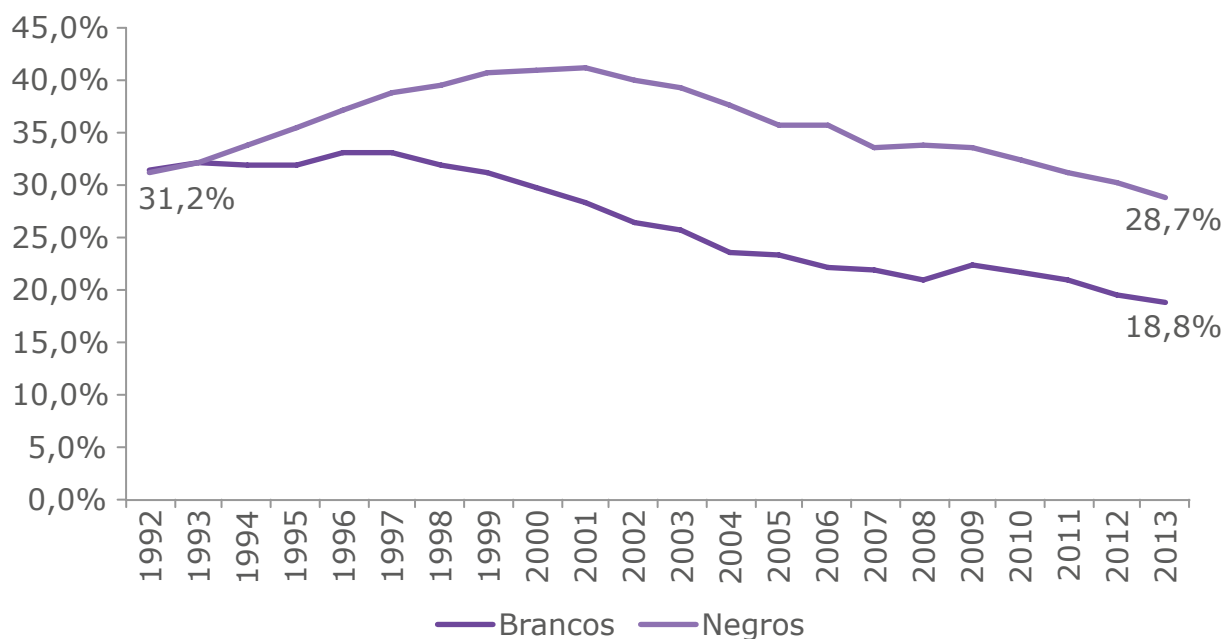


Fontes: Ipea, PNAD/IBGE.

É preciso qualificar também quem são estes jovens que se encontram em situação de defasagem em relação à idade/série no ensino fundamental. Nesse sentido, apresentamos a diferença entre os jovens de 15 a 17 anos de idade que estão no segundo ciclo no fundamental segundo sua cor/raça. O que vemos é que brancos e negros partem de um mesmo patamar 1992 (31%) e evoluem para um quadro de queda em 2013 com 18,8% e 28,7% respectivamente. Contudo, a queda expressiva se deu apenas entre os brancos (12 pontos percentuais),

enquanto para os negros foi apenas de 2 pontos percentuais. Vale notar que para os jovens negros houve aumento de dez pontos percentuais entre 1992 e 1999, sendo seguido por um declínio até 2013. Já para os brancos temos estabilidade até 1997, seguida também por queda.

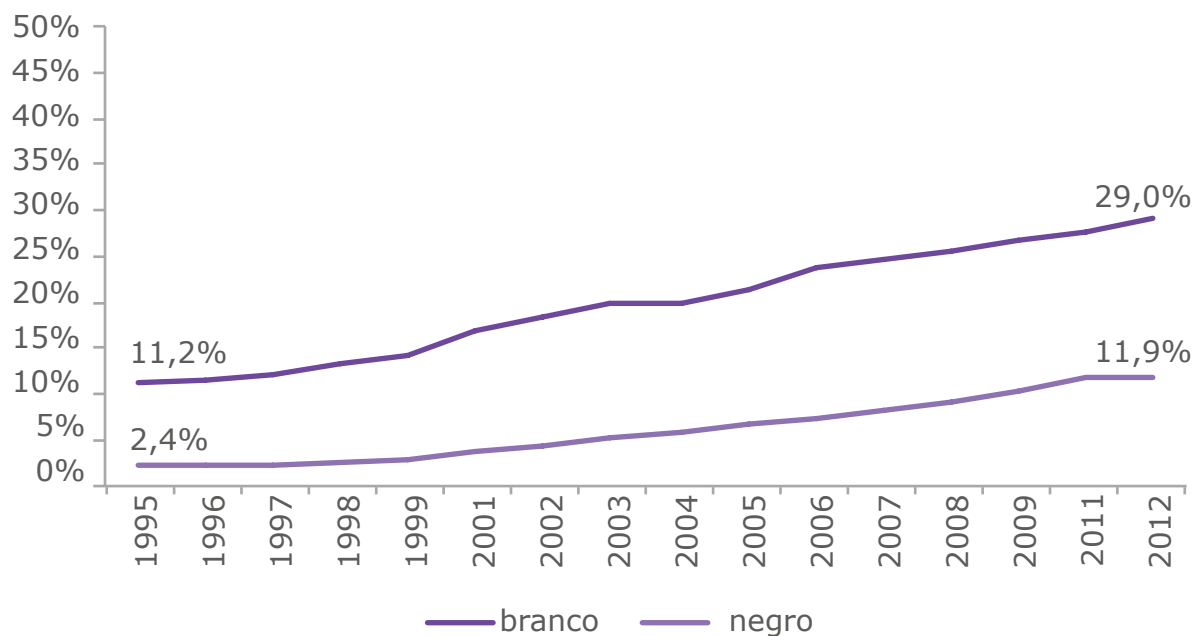
Gráfico 17: Jovens de 15 a 17 anos que frequentam o segundo ciclo do fundamental, segundo cor



Fontes: IPEA, PNAD/IBGE.

Se observarmos as mudanças ao longo dos últimos 17 anos, dos jovens de 18 a 24 anos de idade que frequentam ou completaram o ensino superior segundo sua diferença de raça/cor, veremos que o diferencial se elevou de 9 para 18 pontos percentuais. Os jovens brancos apresentam, em 2012, percentual de 29% de jovens nesta situação, enquanto os jovens negros totalizam apenas 11%.

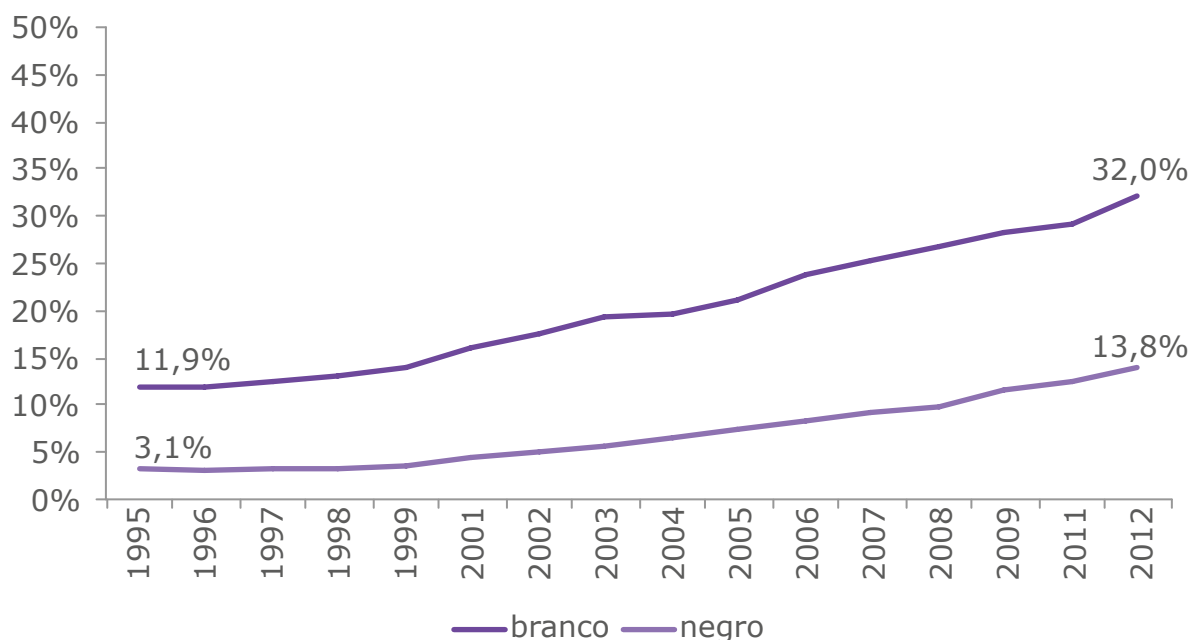
Gráfico 18: Jovens de 18 a 24 anos que frequentam ou já completaram o ensino superior, segundo raça/cor



Fontes: IPEA, PNAD/IBGE.

Em relação aos jovens de 25 a 29 anos, a situação é muito semelhante. Para os jovens brancos tivemos aumento de 20,14 pontos percentuais, saindo de um patamar de 11,89% em 1995 para 32% em 2012. Os jovens negros tiveram aumento de 10,69 pontos percentuais, saindo de 3% em 1995 para 13,83% em 2012.

Gráfico 19: Jovens de 25 a 29 anos que frequentam ou já completaram o ensino superior, segundo cor

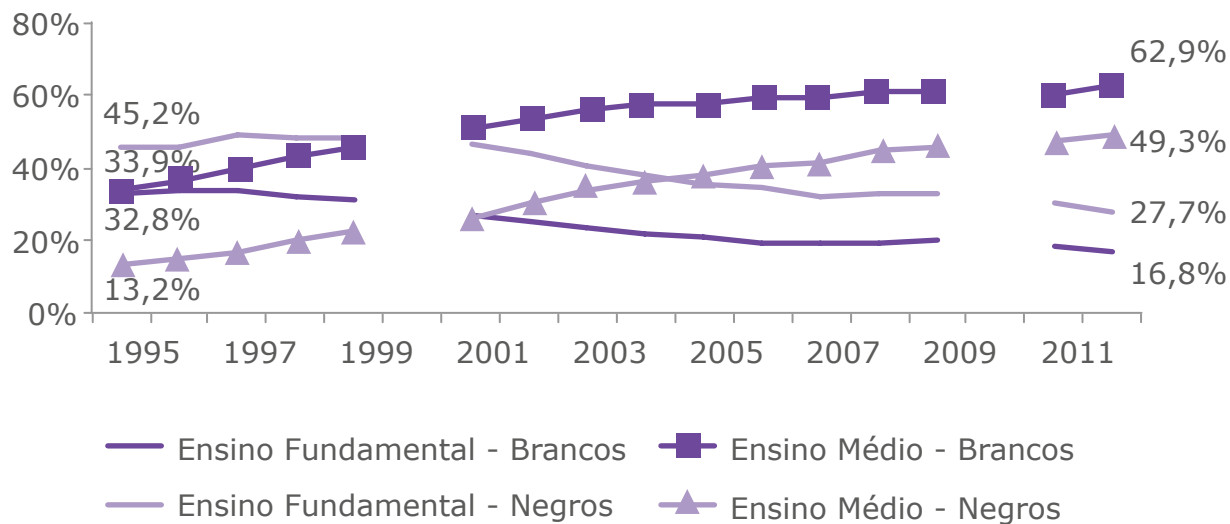


Fontes: IPEA, PNAD/IBGE.

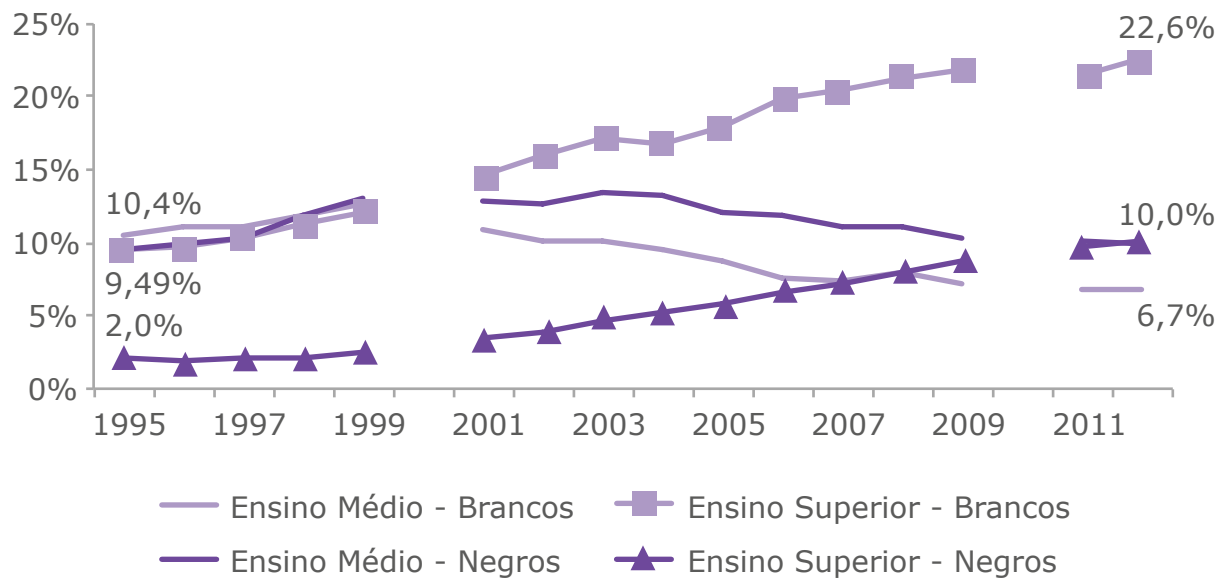
Os gráficos a seguir resumem a evolução dos diferenciais segundo cor presentes na adequação idade/série entre os jovens estudantes. Enquanto 63% dos brancos cursam o ensino médio com a idade correta, isto é, com 15 a 17 anos, apenas 49% dos negros fazem o mesmo. Entre os jovens de 18 a 24 anos, 23% dos brancos e 10% dos negros estão no ensino superior. Já na faixa etária 25 a 29, estes indicadores correspondem a 11% e 6%. Cumpre destacar que o aumento da proporção de jovens cursando a fase correta e a redução daqueles em etapas atrasadas ocorreu conjuntamente com a redução do hiato segundo a cor. Nota-se até aumento dos diferenciais ao se considerar a proporção de jovens com idade adequada para o ensino superior que frequentam tal etapa de ensino.

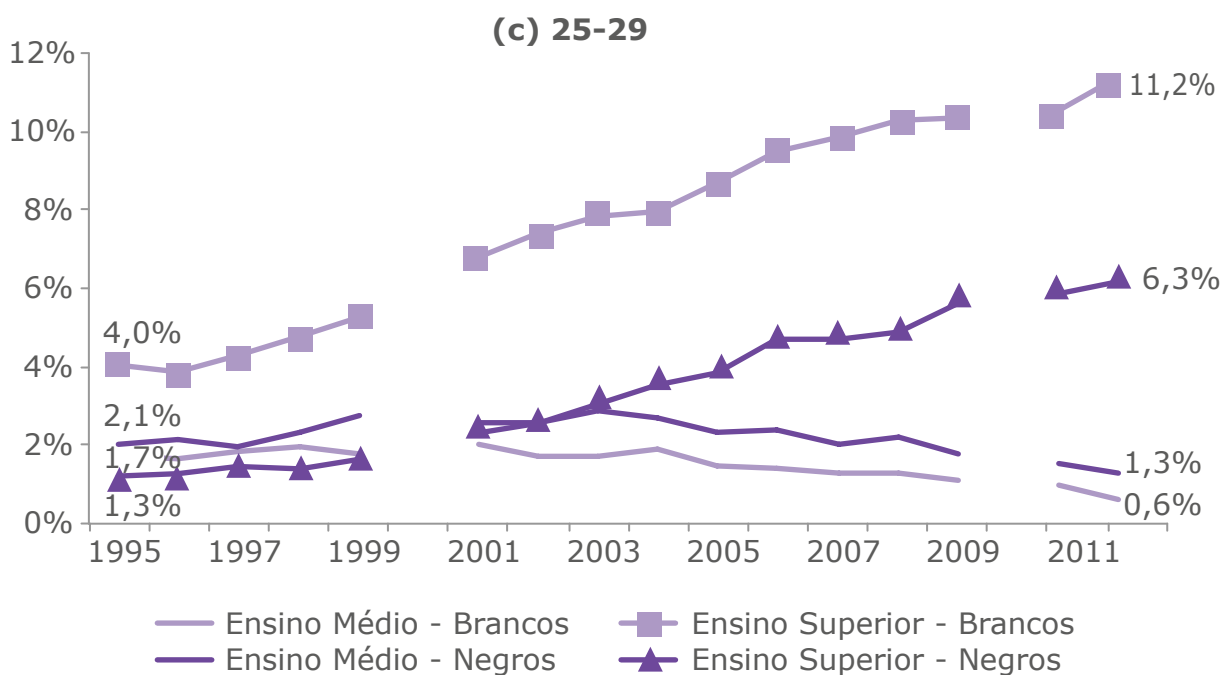
Gráfico 20: Jovens em cada etapa de ensino, segundo cor

(a) 15-17



(b) 18-24





Fontes: Ipea, PNAD/IBGE.

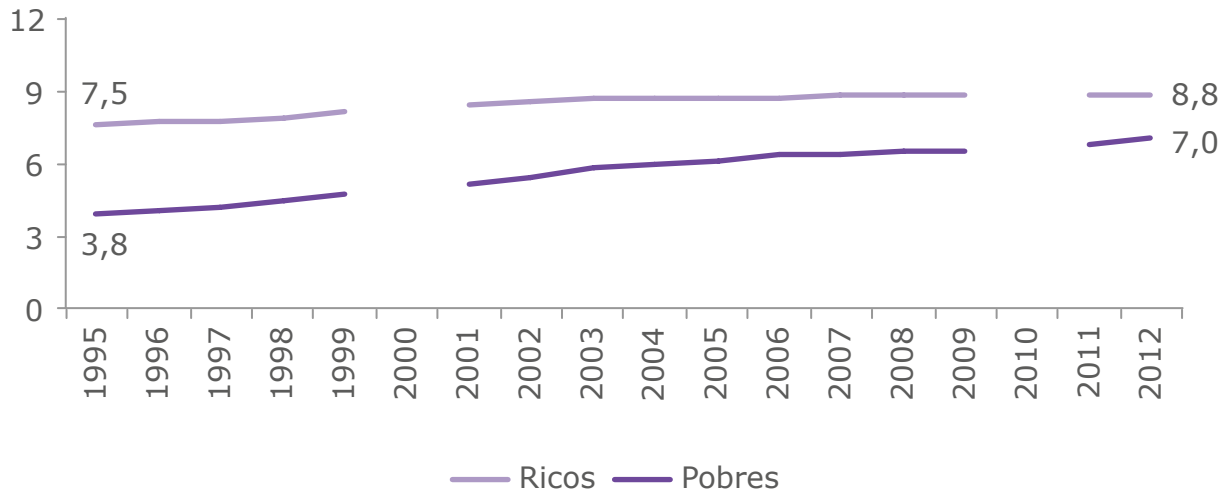
➔ Das diferenças por renda³

Os ricos, assim como os brancos, apresentam indicadores educacionais mais favoráveis. Apesar disso, ao se considerar os anos de estudo concluídos, o hiato entre ricos e pobres reduz para todas as faixas etárias ocorrendo de forma mais expressiva entre os jovens de 15 a 17, seguidos pelos de 18 a 24 cujo diferencial corresponde a 3,5 e 1,7 em 2012, respectivamente.

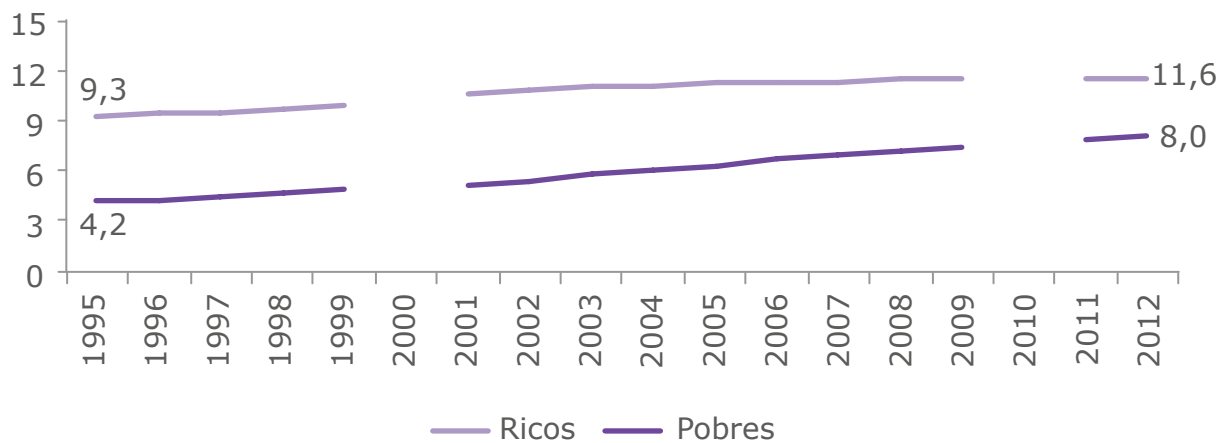
³ Foi adotada como definição para ricos o quinto superior da distribuição de renda per capita e para pobres, o quinto inferior.

Gráfico 21: Anos de estudo dos jovens, segundo renda

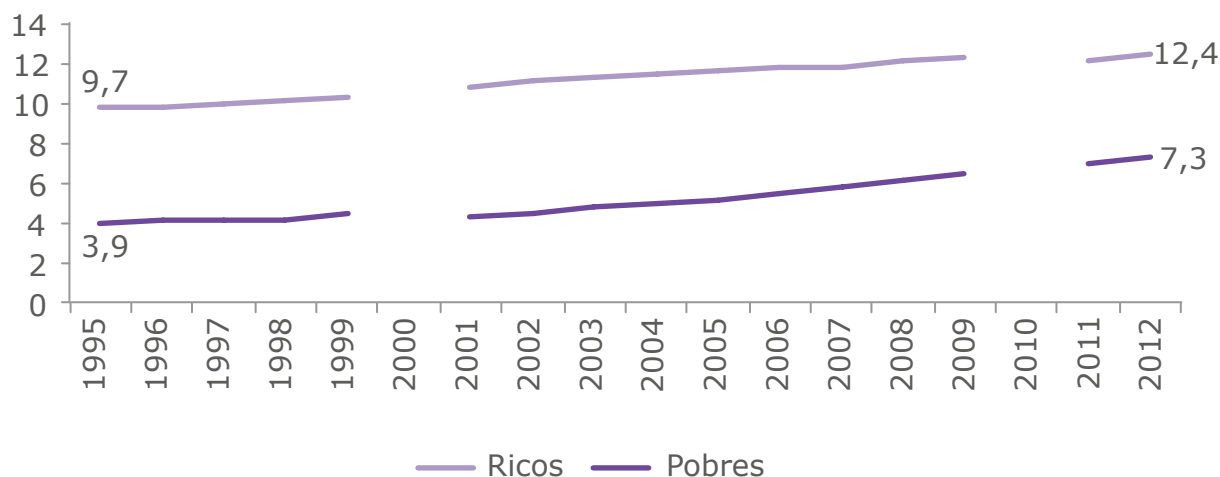
(a) 15-17



(b) 18-24



(c) 25-29



Fontes: Ipea, PNAD/IBGE.

O diferencial entre ricos e pobres também se destaca ao analisar a proporção de jovens frequentando o ciclo correto para sua idade. Em 2012, entre aqueles na faixa etária 15-17, 73% dos ricos encontram-se no ensino médio e apenas 42% dos pobres estão na mesma situação. Além disso, enquanto 35% dos pobres entre 15 e 17 anos de idade estão no ensino fundamental, esta proporção alcança apenas 10% dos ricos.

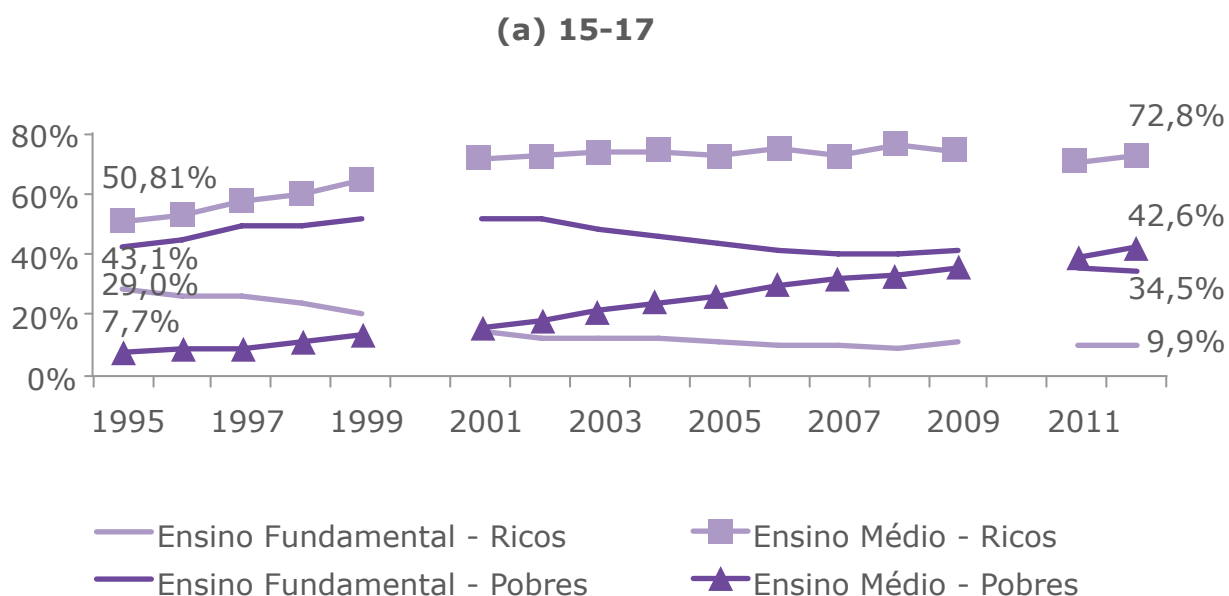
Entre 1995 e 2011, houve redução do diferencial entre ricos e pobres de 15 a 17 anos na etapa correta, porém o diferencial entre ricos e pobres no ensino fundamental se elevou. Uma justificativa para esses eventos terem ocorrido simultaneamente consiste no aumento do acesso à escola para os jovens entre 15 e 17 anos, principalmente os mais pobres, neste período.

Para a faixa etária de 18 a 24, 34% dos ricos e 4% dos pobres frequentam o ensino superior, ou seja, a diferença por renda chega a 30 pontos percentuais. Em 1995, este hiato correspondia a 17 p.p., o que significa substancial elevação ao longo do tempo.

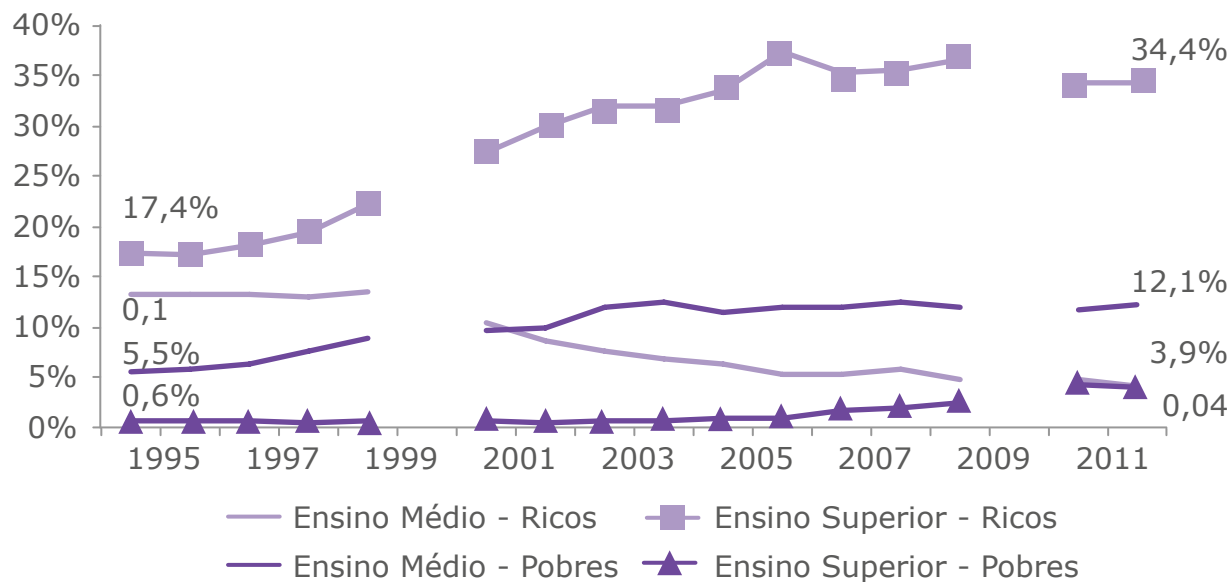
Já a proporção de jovens ricos entre 18 e 24 anos frequentando o ensino médio era mais elevada do que a de pobres em 1995, porém enquanto houve redução da primeira o oposto ocorreu com a segunda de tal forma que o diferencial passou a ser favorável aos ricos em oito pontos percentuais. Mais uma vez esse fenômeno parece condizente com a expansão educacional que, ao favorecer principalmente os mais pobres, significou a inclusão de jovens com defasagem idade/série.

As tendências observadas para a faixa etária 18-24 ocorreram de forma análoga para os jovens entre 25 e 29 anos. Assim, destaca-se o aumento do hiato entre ricos e pobres ao longo do tempo. Em 2012, 16% dos ricos frequentavam o ensino superior enquanto 2% dos pobres estavam nesta etapa educacional.

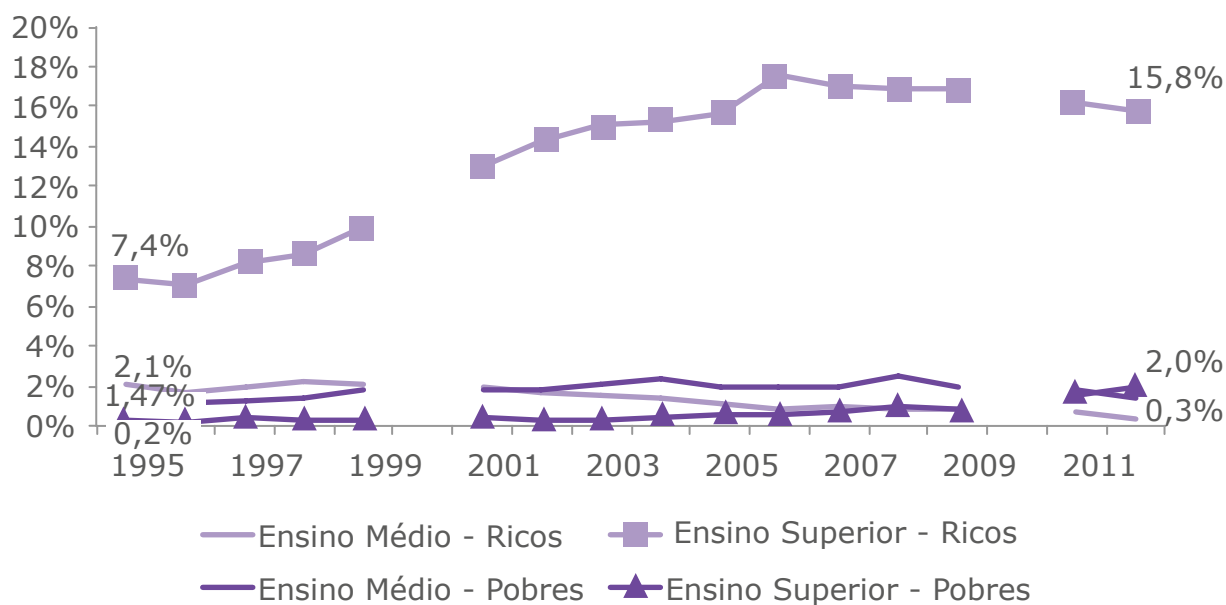
Gráfico 22: Jovens em cada etapa de ensino, segundo renda



(b) 18-24



(c) 25-29



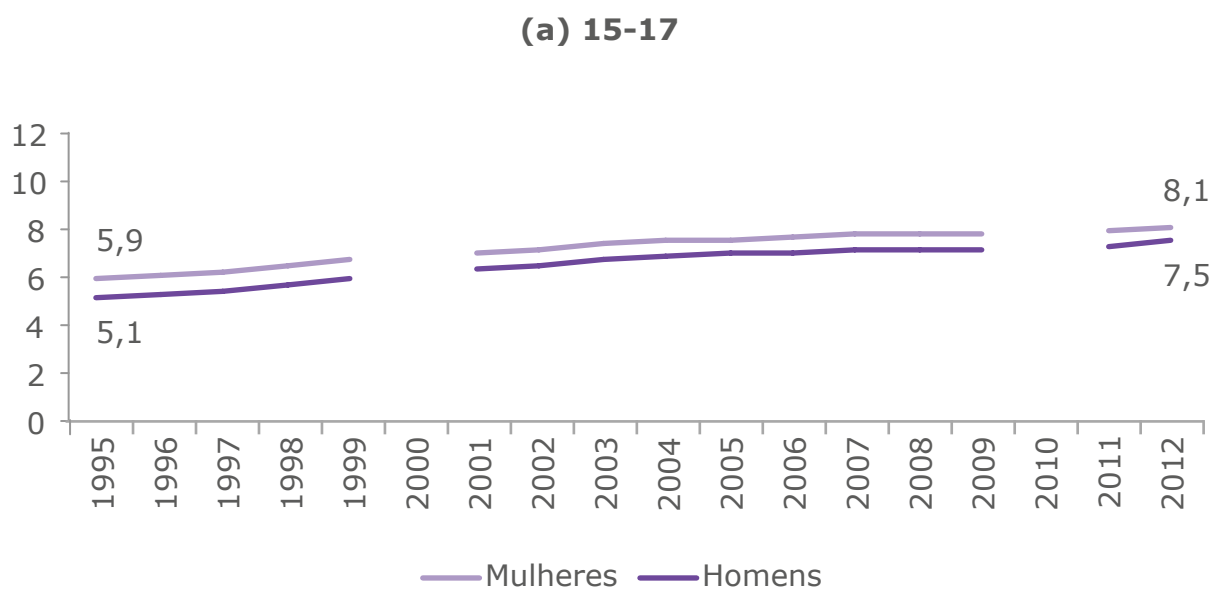
Fontes: Ipea, PNAD/IBGE.

➔ Das diferenças por sexo

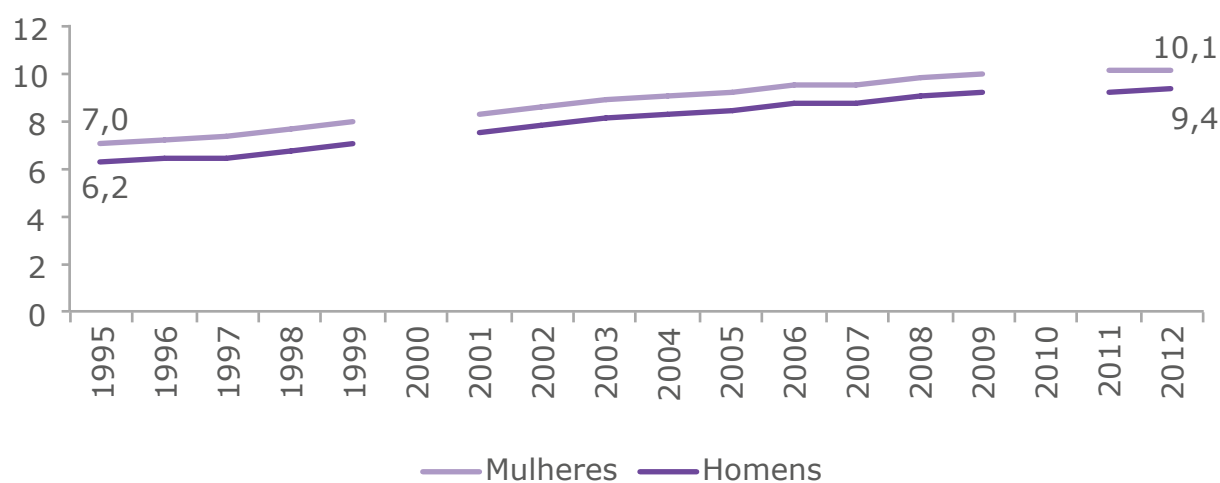
Ao contrário do que ocorre no mercado de trabalho, os indicadores relacionados à educação se revelam mais favoráveis às mulheres. Comparando-se os anos de estudo de jovens homens e mulheres, nota-se que os indicadores femininos são superiores aos masculinos para todos os três grupos etários considerados. Contudo, o diferencial por sexo mostra-se menos importante que as desigualdades observadas por raça e renda por apresentar magnitude inferior.

Não obstante, apesar de ser pequeno, o diferencial por sexo em anos de estudo mantém-se persistente ao longo do período entre 1995 e 2012, como pode ser observado no gráfico 23. Para aqueles entre 25 e 29 anos de idade, a mulher em média possui 0,7 ano a mais de estudo. Este indicador corresponde a 0,8 e 0,6 para os grupos etários 18-24 e 15-17. A elevação da quantidade de anos de estudo adquiridos tanto para homens quanto para mulheres indica que a expansão da educação atingiu esses dois grupos de forma similar.

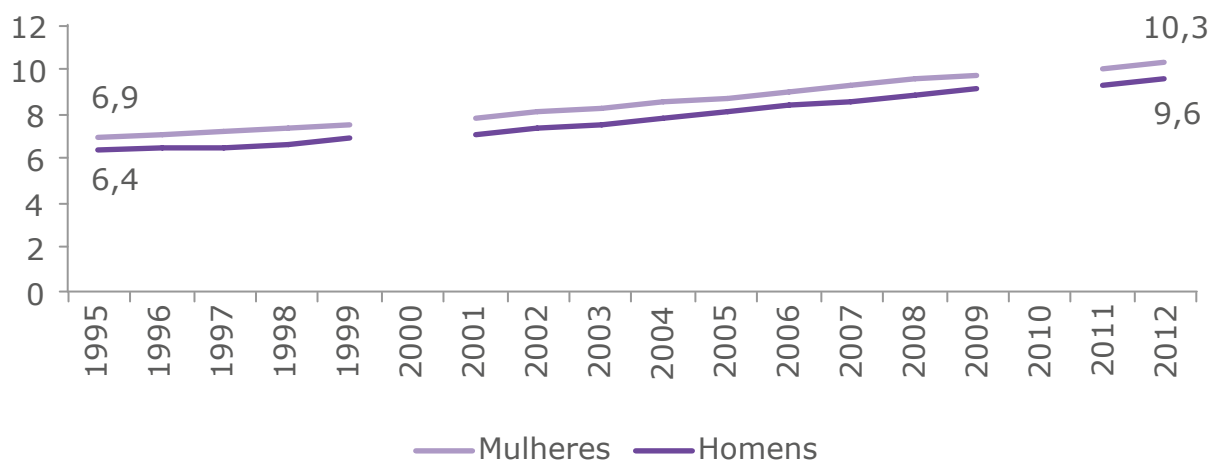
Gráfico 23: Anos de estudo dos jovens, segundo sexo



(b) 18-24



(c) 25-29



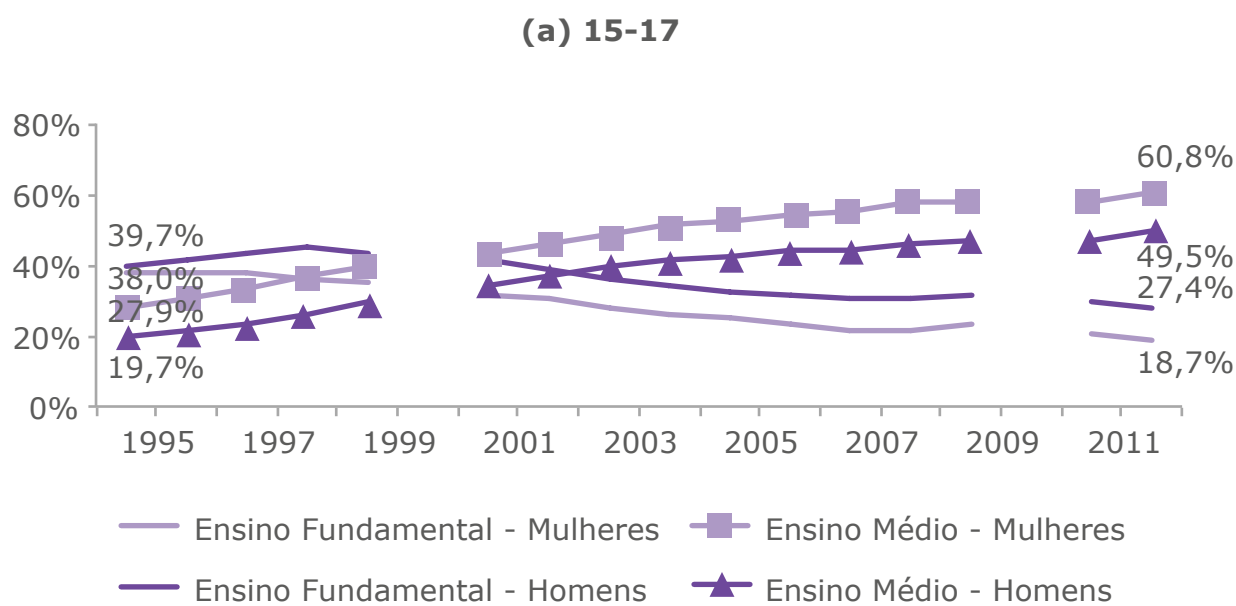
Fontes: Ipea, PNAD/IBGE.

A desigualdade entre homens e mulheres também aparece ao se considerar a proporção de jovens que frequentam ou não a etapa correta de ensino de acordo com a sua faixa etária. Novamente, o diferencial por sexo é menos intenso do que o observado por raça e renda, mas apresenta-se de forma persistente ao longo do período compreendido entre 1995 e 2012.

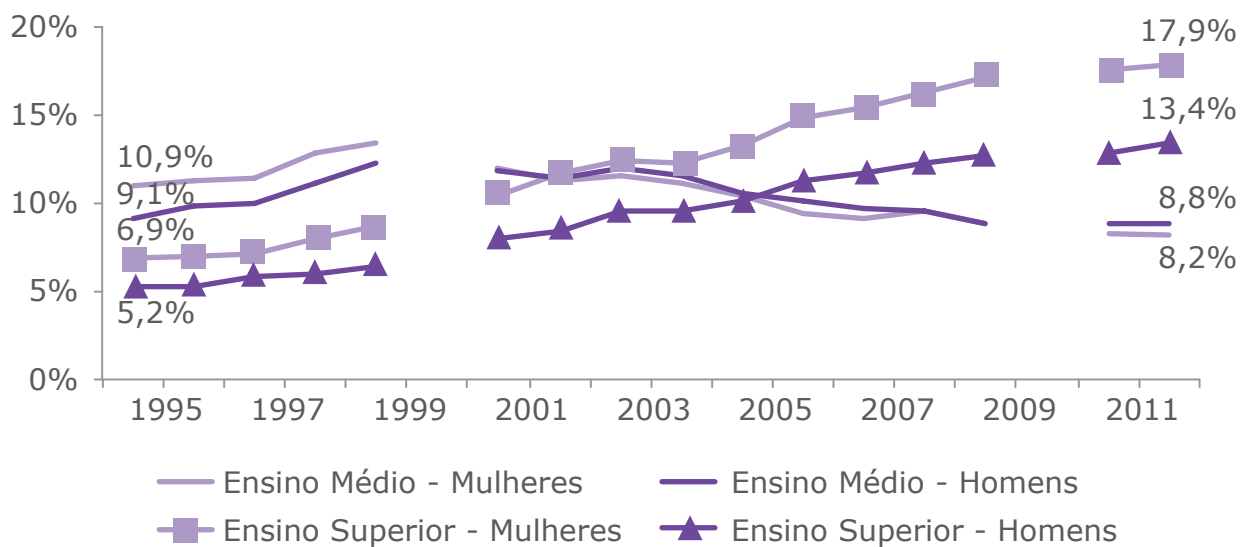
Em 2012, cerca de 61% das jovens entre 15 e 17 anos cursavam o ensino médio enquanto apenas 50% dos jovens encontravam-se na mesma situação. Também nesta faixa etária, menor proporção de mulheres encontrava-se em etapa defasada, no ensino fundamental: a proporção correspondia a 19% e 27% para mulheres e homens, respectivamente.

Nos grupos etários acima de 18 anos, há proporção maior de mulheres no ensino superior. Para aqueles entre 18 e 24 anos, a proporção que cursa o ensino superior alcança 18% para as mulheres e 13% para os homens. Na faixa etária 25 a 29 anos, o diferencial é menor, uma vez que o percentual feminino é 9% e o masculino, 8%.

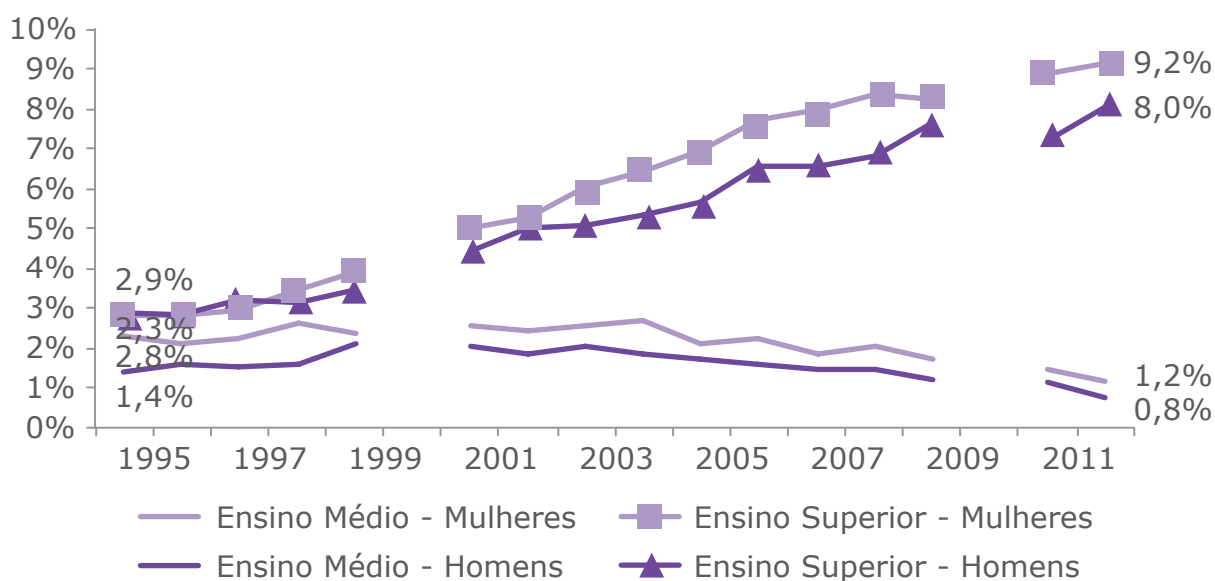
Gráfico 24: Jovens em cada etapa de ensino, segundo sexo



(b) 18-24



(c) 25-29



Fontes: Ipea, PNAD/IBGE.



Considerações gerais

Partindo de percentuais altos dos jovens fora da escola e de baixa escolaridade no início dos anos 1990, vimos melhoria substancial no acesso, na permanência, na retomada dos estudos e conseqüentemente na elevação da escolaridade.


Contudo, ainda há importante desafio para um acesso pleno, permanência dos jovens na escola, bem como para a conclusão dos estudos. O abandono, a defasagem e a reprovação continuam sendo fatores impactantes na trajetória escolar dos jovens.

A estabilidade e o crescimento econômico geraram maior renda para as famílias mais pobres, possibilitando que parte dos jovens pudesse investir mais fortemente em sua formação. Entretanto, as desigualdades de cor e de renda permanecem estruturantes no acesso e na permanência dos jovens na escola.

Em suma, ainda há muito para ser feito de modo a garantir a efetivação do direito à educação, sobretudo, da superação das desigualdades que ainda estruturam a nossa sociedade, destacando-se as diferenças entre brancos e negros e também entre ricos e pobres, que oferecem oportunidades educacionais distintas aos jovens brasileiros.

Ao longo do texto procurou-se evidenciar a evolução dos indicadores da juventude no que tange ao perfil dos jovens brasileiros, acesso e abandono escolar, e os desafios a serem enfrentados pelos gestores públicos na elaboração de políticas públicas que promovam e sustente de forma crescente a melhoria de tais indicadores.

Tendo como referencia os anos 1990, período no qual havia a incidência de percentuais elevados de jovens fora da escola e de baixa escolaridade os dados do boletim permite visualizar uma melhoria substancial no acesso, na permanência, na retomada dos estudos e conseqüentemente na elevação da escolaridade entre este corte populacional. Haja vista, os últimos anos terem sido marcados fortemente pela melhoria do acesso à escola e pela



progressiva elevação da escolaridade de toda população brasileira, em especial das crianças e dos jovens.


Dentro destes temas, o que se observou de modo geral foi que, nos últimos 20 anos, o maior acesso dos jovens à escola ocorreu por meio da ampliação tanto do ensino médio como do ensino superior, acompanhado de uma melhoria significativa no fluxo escolar, configurando um bom sinalizador, pois estas etapas de ensino são adequadas para as idades consideradas. Porém em referência ao ensino médio percebe-se que ainda há parcela significativa de jovens cursando ou que interrompeu os estudos no ensino fundamental, este é um desafio dos gestores que precisa ser especialmente analisado.

Outro indicador muito importante quanto a escolarização dos jovens é a queda acelerada e efetiva do analfabetismo, proporcionada pelo maior acesso à escola conforme citados no parágrafo anterior. Destarte, para além da redução substantiva do analfabetismo, o que se assistiu nas últimas duas décadas foi a um aumento dos anos de estudos concluídos pelos jovens, de modo que o quadro atual aponta não apenas para a ampliação do acesso, mas também da permanência nos estudos para todo o conjunto da população jovem brasileira.

Outra consequência que o maior acesso a escola proporcionou foi a expressiva readequação da idade-série entre os jovens estudantes. Assim destacamos que a ampliação do acesso à educação foi rapidamente traduzida na elevação da escolaridade e correção da defasagem idade por série.

Contudo, não podemos desconsiderar que continua sendo um desafio a promoção da permanência dos jovens que apresentam defasagem idade/série nos estudos até a conclusão do ensino médio. Dessa forma, é importante compreender a razão fundamental pela qual há tantos jovens afastados da escola, se é por motivos de incompatibilidade em razão de trabalho e/ou família, ou se é desinteresse pela escola e pelos estudos entre outros.

Fazendo um corte entre os indicadores de escolaridade, como por exemplo, os anos de estudos concluídos, nota-se a redução do hiato educacional entre



negros e brancos ao longo do tempo, ainda que tenha uma leve redução. Observa-se esta mesma tendência acerca do hiato entre ricos e pobres para todas as faixas etárias. Este fenômeno corrobora com a ideia de que a expansão educacional favoreceu principalmente os mais desfavorecidos.

Com relação a questão de gênero os indicadores relacionados à educação se revelam mais favoráveis às mulheres. Comparando-se os anos de estudo de jovens homens e mulheres, nota-se que os indicadores femininos são superiores aos masculinos para todos os três grupos etários considerados. Mostra-se que há a menor proporção de mulheres em etapa defasada, assim como há uma proporção maior de mulheres no ensino superior. Conforme observado, reiteramos que houve, de modo geral, uma melhoria dos indicadores educacionais, embora ainda não o suficiente para superar o atraso do país nesse quesito, todavia a tendência aposta que estamos seguindo o caminho certo.

No entanto, deve-se que considerar que ainda há um importante desafio para um acesso pleno, com a permanência dos jovens na escola, bem como para a conclusão dos estudos. Pois o abandono, a defasagem e a reprovação continuam sendo fatores impactantes na trajetória escolar dos jovens. Ainda há muito para ser feito de modo a garantir a efetivação do direito à educação, sobretudo, da superação das desigualdades que ainda estruturam a nossa sociedade, destacando-se as diferenças de sexo, cor e renda.

Diante do cenário apresentado podemos observar que houve uma significativa ampliação do acesso à escola, de elevação da escolaridade e de redução das desigualdades educacionais da juventude brasileira.



REFERÊNCIAS

HADDAD, Sérgio, DI PIERRO, Maria Clara (2000). Aprendizagem de jovens e adultos: avaliação da década da educação para todos. *São Paulo Perspec.* [online]., vol.14, n.1

BRASIL. Estatuto da Juventude. Lei Federal Nº 12.852/13, 5 de agosto de 2013. Edição impressa pela Secretaria Nacional de Juventude. 2013. At. <http://www.juventude.gov.br/estatuto/estatuto-de-bolso/estatuto-web>

UNESCO Declaração Mundial de Educação para Todos, UNESCO: Brasil, 1990. At. <http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000862/086291por.pdf>

Estatuto da juventude

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA**Presidenta da República**
Dilma Rousseff**Vice-Presidente da República**
Michel Temer**SECRETARIA-GERAL DA
PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA****Ministro de Estado Chefe**
Gilberto Carvalho**Secretário Executivo**
Diogo de Sant'Ana**SECRETARIA NACIONAL
DE JUVENTUDE****Secretária Nacional de Juventude**
Severine Carmem Macedo**Secretária Adjunta**
Ângela Cristina Santos Guimarães**Chefe de Gabinete**
Francisco Rodrigo Josino Amaral**Coordenadora-Geral de Políticas Transversais**
Elisa Guaraná de Castro**SECRETARIA DE ASSUNTOS
ESTRATÉGICOS DA PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA****Ministro de Assuntos Estratégicos**
Marcelo Côrtes Neri**Presidente**
Sergei Suarez Dillon Soares**Diretor de Desenvolvimento Institucional**
Luiz Cezar Loureiro de Azeredo**Diretor de Estudos e Políticas do Estado, das Instituições e da Democracia**
Daniel Ricardo de Castro Cerqueira**Diretor de Estudos e Políticas Macroeconômicas**
Cláudio Hamilton Matos dos Santos**Diretor de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas e Ambientais**
Rogério Boueri Miranda**Diretora de Estudos e Políticas Setoriais, de Inovação, Regulação e Infraestrutura**
Fernanda De Negri**Diretor de Estudos e Políticas Sociais**
Herton Ellery Araújo**Diretor de Estudos e Relações Econômicas e Políticas Internacionais**
Renato Coelho Baumann das Neves**Chefe de Gabinete**
Bernardo Abreu de Medeiros**EQUIPE TÉCNICA****Coordenação-Geral do Boletim Juventude Informa**
Elisa Guaraná de Castro e Carlos Henrique Leite Corseuil**Elaboração/Supervisão**Ana Laura Lobato, Joana Simões de Melo Costa, Helena Abramo e
Wagna Maquis Cardoso de Melo Gonçalves**Equipe Técnica**Carla Bezerra Paiva, Danielle Pereira Machado dos Santos, Danilo Cezar Castro Lima, Mariana
Karilena Moura da Silva, Monica Sacramento e Moises Paes Landim Plácido**Revisão**

Lizandra Deusdará (Njobs Comunicação) e Carla Schwingel (SNJ)

Projeto gráfico/Diagramação

Jonatas Bonach (Njobs Comunicação)

Ficha Catalográfica

Boletim juventude informa / Secretaria Nacional da Juventude e Instituto de Pesquisa
Econômica e Aplicada. – Ano 1, n. 1 (2014)- . . – Brasília : SNJ, 2014- .
v. : il. – (Coleção juventude. Série juventude informa)

Bimestral.
ISSN

1. Juventude. I. Brasil. Secretaria Nacional da Juventude. II. Instituto de Pesqui-
sa Econômica e Aplicada.

CDD 305.23